

Polaco ou cincerro era o instrumento do pescoço da madrinha para chamar os demais animais da tropa: Edmundo Pinheiro de Abreu em *Currallinho, seus costumes e sua gente* o descreve: “Cada tropa possuía sua Madrinha, assim denominado um cavalo piquira, crina e rabo cortados, sempre trazia preso ao pescoço por uma correia de sola uma sineta em forma de sino com pequeno badalo, conhecido por polaco.” (ABREU, 1978, p. 181)

Pagão era a alcunha que se dava ao potro. Sobre ele, em *Veranico de janeiro*, escreveu Bernardo Élis Fleury de Campos Curado: “Zé do Julião deu um até logo geral, enterrou o chapéu na cabeça, coçou as mutucas na barriga do pagão que saiu caracolando e soltando vento, pois o bicho andava empastado em jaraguá novo.” (CURADO, 1974, p. 8). Havia também recibos de viagens que eram feitas, com preços a pagar, desde ainda o século XVIII.

Recbi de M^{me} Sr^o Torquato José Rodrigues Jardim
a quantia de setenta e sete mil cento e setenta e seis (87.166 \$) a saber
quarenta e cinco mil \$ de hum cavallo piquira novo e grande,
vinte mil \$ de hum outro baio inferior e aquelle \$, que pertto
m^{me} Sr^o me foram comprados, e assim mais doze mil cento e setenta
seis de aluguel de humo besta de setta, que lhe aluguei a seis
centos e quarenta \$ p^o dia, feitas as despesas de m^{me} a m^{me} custa e
porvenir, e me ser este recibo e passai a prinha letra e firma
Goyas 16 de Março de 1851.

Torquato José de Barros Cachapuz

DOC. 14 - Documento em que o cidadão Torquato José de Barros Cachapuz compra animais para formação de sua tropa em 1851. Seus descendentes seriam os membros da Família Caiado.

Dentre os apetrechos de uso do peão o pelego era a manta de pele de carneiro que o peão levava sobre a cela, tornando-a mais confortável. Pinhola era um chicote trançado usado por vaqueiros para fazer um estalo e assustar os animais.

Regina Lacerda em seu livro *Vila Boa, história e folclore*, descreve esse chicote de largo uso em nosso Estado: “No transporte do gado usa-se ainda a pinhola. Pinhola é uma espécie de rebenque trançado ao modo de laço, medindo de 3 a 5 braças de comprimento. Não tem cabo, mas uma alça que se prende ao pulso e, na outra extremidade termina por uma correia larga e alongada.” (LACERDA, 1977, p.46)

Já o baixeiro era muito utilizado pelos peões para não machucar o animal. Geralmente era feito de saco de aniagem que se coloca no lombo do animal, sob a cela, algum pano velho, resto de um cobertor e os mais abastados, compravam alguns já prontos. Segundo relatos de Carmo Bernardes, muitos tropeiros ali traziam a carne para não perder. Há descrições poéticas de Hugo de Carvalho Ramos em *Tropas e boiadas*: “Logo no princípio, deu pancas o animal para deitar-lhe em riba os baixeiros da cutuca.” (RAMOS, 1922, p.41).

Aboio era um canto sem palavras, que se marca exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros e tropeiros no manejo com o gado ou com os animais de custeio. É de livre improviso dos peões que José de Alencar (1975, p. 88) alcunhou de : “ária tocante e maviosa que eles, ao pôr do sol, tocam a boiada”. Baldrana era outra parte que compunha os apetrechos utilizados pelos tropeiros.

São várias as cores dos animais, tanto muares quanto cavalares conforme Ortêncio (2009): Alazão; amarelo-estrelado; baio; bargado; bazé; botafogo; branco; bugrado; caburé; cardão; chita; cor-de-burro-fugido; cuia; estrelado; flamengo; fogoió; foveiro; fumaça; ganga; gázeo; gazo; jaguané; jambo; malhado; moreno-fechado; moreno-forte; mulato; negro; negro-aça; pampa; pardo; pedrês; pelo-de-rato; piau; pintado; preto; queimado; rapé; roxinho; roxo; roxo-forte; rozilho; ruano; ruço; ruço-pedrês; ruivo-ruço; sarará; sarassará; sirigado; suíço. Também a expressão “cor de burro fugido” até hoje povoa a linguagem goiana e vem justamente dessa época de tropas e de boiadas, de “mexeção com o beçudo”.

Os beçudos adquiriram ao longo do tempo um grande valor financeiro. Quando um animal sumia ou era roubado, havia inclusive anúncios em jornais noticiando o desaparecimento, conforme destacamos no *Jornal Correio Oficial* da Cidade de Goiás, datado de 07 de janeiro de 1882, em que João Sabino de Passos noticia o desaparecimento de uma besta queimada, ferrada nos quatro pés, identificando a sua marca, propalando uma gratificação a quem a encontrasse.

Ursulino Tavares Leão, no prefácio do livro *Diário de tropeiro*, poemas de Geraldo Coelho Vaz, destaca suas memórias sobre as tropas de seu pai: “Criança, atingindo os seis anos, eu contemplei, muitas vezes, a tropa de seu Thomaz Leão chegar à Vila de Crixás, trazendo para a sua loja, mercadorias da cidade de Anápolis: era uma festa!” (VAZ, 1999, p. 6)

Arribação era outro grande perigo. Ocorria justamente quando o gado extraviava-se da boiada, como destacou os escritos de Leolídio Di Ramos Caiado, conforme várias narrativas de histórias sertanejas goianas como no livro *Caiapônia*, de Camilo Chaves: “Às vezes, retornou Chico Faleiro, continuando assunto começado, acontece arribação que a gente nem sabe como o demo do gado se some pelos matos.” (CHAVES, 1943, p. 175).

Sobre o trânsito de diversas mercadorias pelas tropas, destacou Freyreys (1906, p. 1974): “Todos os dias passavam de 220 a 250 mulas que, em lotes, vinham de Minas Gerais carregadas com toucinho, algodão, queijo, café e açúcar” Ainda o termo chouto era um tipo de andadura, conforme destacou Bernardo Élis Fleury de Campos Curado em seu livro *Apenas um violão*: “Ao final, porém, enfrentaram a estrada, num chouto apertado, os lombos e as cabeças subindo e descendo.” (CURADO, 1984, p. 223)

Berrante era outro poético instrumento utilizado pelos peões de boiadeiro nos caminhos do tempo. Sobre ele há vasta literatura em todo o Brasil e também em Goiás. Braz José Coelho em seu livro *Peonada e cabroeira* ressalta com ênfase o papel do berrante: “pegou do berrante e foi postar-se na ponta do gado. Quando tudo estava pronto para a partida, soprou na ponta de guampo, tirando dele um choro rouco e plangente.” (COELHO, 1971, p. 148).

Uma das grandes aquisições de um boiadeiro, peão, comissário era a capa. Sobre essa indumentária, escreveu Carmo Bernardes:

Sempre quis possuir um permeável, um capa ideal, como se dizia, e nunca tive condições para isso. Recebi indenização pelo emprego que me tomaram, privei a família dos recursos que era minha obrigação deixar em casa, e comprei uma espingarda cartucheira, que também nunca havia possuído por não poder, e mais o capa da minha suprema aspiração. Mesmo caído de moda, tive uma satisfação imensa, fiquei rindo à toa, distraído das perspectivas negras que me antolhavam. O impermeável usado pelos cavaleiros antes do advento do automóvel, era chamado o capa na nossa linguagem cabocla, aliás expressiva e coerente. A capa, que os dicionários dão, de modo genérico, como substantivo feminino, é outra coisa, que não o agasalho de chuva. Observamos a diferença para que não haja confusão, e para dar um destaque especial ao primeiro caso. Nas arreatas de tropa e de montaria, há a capa de cangalha, a capa do revólver e ainda a capoteira, que não é nada de vasilha de pôr doce, mas uma peça de lona, enfeitada de bambolins de sola branca, que é de embrulhar o capa de chuva e amarrar na garupa da sela. Sem isso os arreios não

estão completos e nem bem apresentados. Oh, céus! Que vontade enorme, doentia, obsedante, que eu tinha de possuir um capa ideal! Ideal era o nome, era a marca comercial que popularizou entre nós, do melhor impermeável e de mais alto preço, no nosso entender, existente no mundo. Era fabricado – como ainda hoje – no Rio Grande do Sul, de pura lã, e como um casaco de pele às madames, dava regalia e status, ao cavaleiro que podia possuir um. (BERNARDES, 1984, p. 12).

Ainda mais uma vez Carmo Bernardes em suas crônicas nos enternece com o seu lirismo: “Vez por outra toca o berrante. Tira uma nota monocórdia bem longa, no fim dá uns floreios e uns repicados que estremecem os ermos, a boiada vem serenando atrás, apacentada. A melopéia de um berrante bole fundo no coração da peonada, que está sempre muito arreitada.” (BERNARDES, 1984, p.12). Já Cora Coralina em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais* descreve o peão com a sua indumentária, a não faltar o berrante: “A tiracolo o berrante / Enorme corno volteado / caprichado, trabalhado / em círculos, prateados, reluzentes.” (CORALINA, 1985, p. 63).



FOTO 42 - Berranteiro montado numa mula adornada ao gosto da época. Cidade de Goiás em 1923. Acervo de Julieta Caiado Fleury.

Sela era uma das partes integrantes do conjunto de arreios, sobre a qual se assenta o cavaleiro. Há uma variante feminina que é o silhão. Já o cabresto era uma parte importante da arreata dos beçudos, parte importante no momento de pegar animal no pasto.

Eduardo Guedes de Amorim em sua obra *Aruanã*, destaca sobre o uso dessa indumentária valiosa: “Ainda cavalguei por algum tempo, mas estando com sono e também para dar um descanso ao cavalo, na beira da estrada, desmontei e o amarrei pelo cabresto a um tronco e dependurei a rede entre duas árvores.” (AMORIM, 1973, p. 124). Na sabedoria popular, também significa subjugar o outro e no caso de marido, há até um ditado corrente: “Cavalo que gosta de pastar longe, cabresto curto”.

Havia objetos para maltratar os animais como pinholas, sedenhos, esporas e chuchos, este último, uma espécie de vara de ferrão. Hoje, nas carretas de beçudos, usam essas varas ligadas à bateria dos caminhões. A crueldade só piorou.

Também a salga era a ração dos animais. Hugo de Carvalho Ramos em *Tropas e Boiadas*, assim escreveu: "Ponha mecê numa cuia uma mancheia de sal torrado bem moído, vai dando a salga ao animal por debaixo do sovaco, da porta da cozinha à da rua, e da frente à porta do fundo, três vezes sem parar, passando e repassando por dentro da casa." (RAMOS, 1922, p. 114).

Na tropa, o burro tinha especial participação. Recebeu até poemas líricos e sentimentais como o de Cora Coralina em seu livro *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais*: “Amo esses burros de lenha / que passam pelos becos antigos. / Burrinhos dos morros, / secos, lanzudos / malzelados, cansados, pisados / Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra / no range-range das cangalhas.” (CORALINA, 1985, p.32).

Os animais para as tropas eram escolhidos detalhadamente para o enfrentamento de longas jornadas. O baio, de cor amarela, sempre foi o preferido. Dessa apreciação destacou Isócrates de Oliveira em seu livro *Dom Silogildo e outros*: “Aqui a gente se conhece é como cavalo: pedrez, baio, russo e suíço.” (OLIVEIRA, 1968, p. 180).

O termo cria, para os beçudos significa criação nova, filhote, já a expressão “Cria das minhas éguas” significa pessoa de nosso conhecimento, conforme aparece em várias descrições do escritor Carmo Bernardes em seu livro *Reçaga*, um clássico de nossa literatura regional.

Estouro de boiada era um perigo, o gado perdia o controle. Crispiniano Tavares narra em seu livro *Contos, fábulas e folclore*: “É um perigo medonho para o ponteiro e para os camaradas das esquadras, quando a boiada estoura no caminho. A morte é certa se o

camarada caducar. Tem de galopar na frente a toda brida, gritando: 'Ô! ô! ô!...' e afastando-se sempre em diagonal até se achar fora da direção do arranco." (TAVARES, 1975 , p.37)

Riscar significava, com maestria, saber frear bruscamente o cavalo, de maneira que ele retesava as pernas e deslizava aos poucos, daí o termo “medir a risca”. Havia o ato de amilhar o animal, ou seja, depois de longas jornadas os animais eram alimentados com milhos. Sobre esta passagem escreveu em seu romance *Homens de palha* o escritor Jerônimo Geraldo de Queiroz: “Quando Gerônimo amandiocava os cevados no acercado logo aí e amilhava a tropa na salgadeira confronte” (QUEIROZ, 1972, p. 47).

Carlos Lacerda em seu livro *Desafio e promessa* descreve o povo do interior, no sertão do Urucuia a falar sobre o trem: “Faz ingênuas perguntas, como, por exemplo, se a égua do governo (locomotiva) correrá mais que o cavalo deles” (LACERDA, 1964, p. 101)

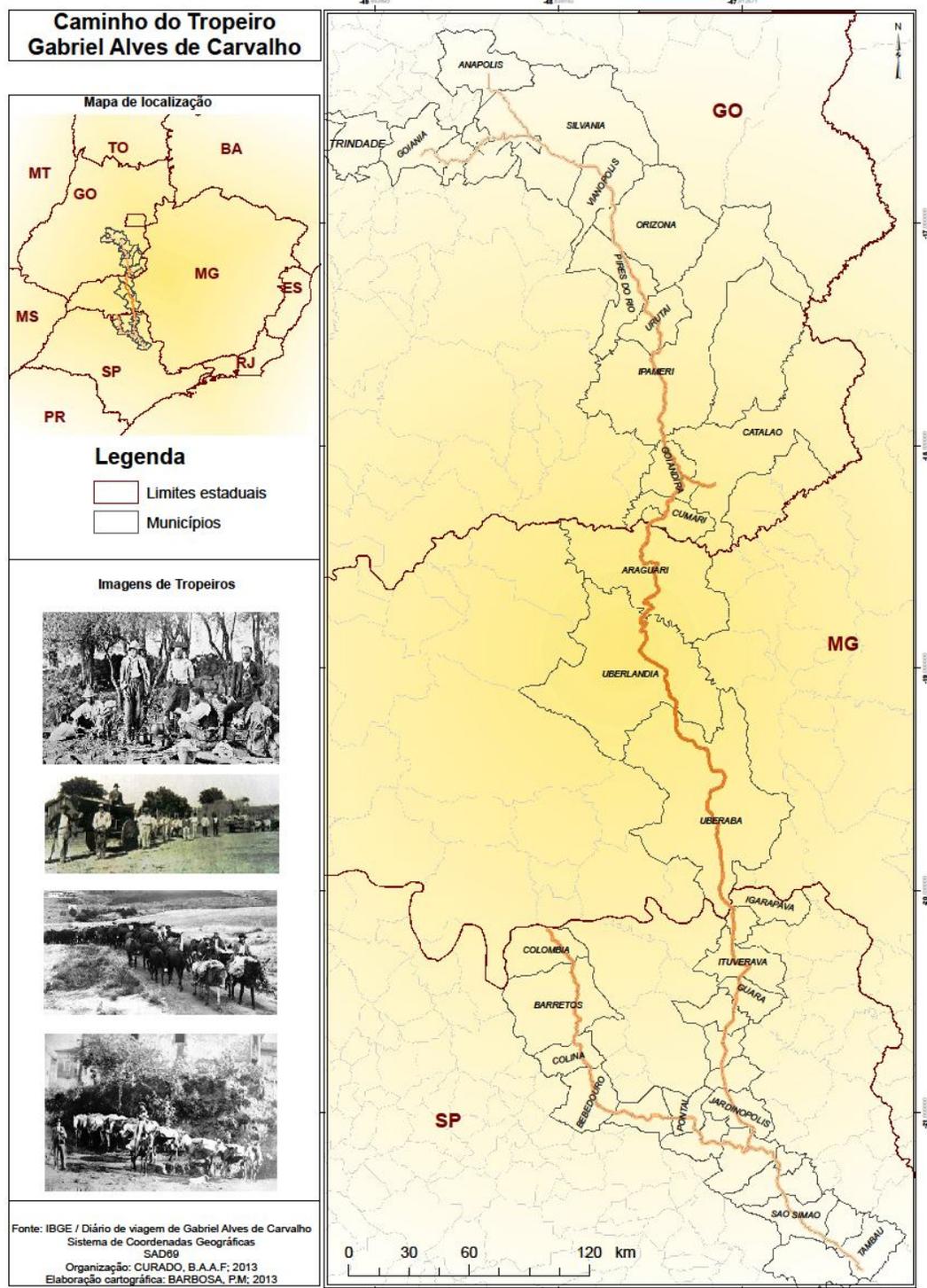
Também o lote correspondia a uma tropa de dez muares. O General Couto de Magalhães escreveu em seu livro *Viagem ao Araguaia*: "Despesas com o transporte de 1, 9 mil arrobas por bestas de carga, da Capital de Goiás ao Porto de Santos, sendo a carga de cada besta de 9 arrobas (78 bestas ou 18 lotes) (lote – 10 bestas)." (MAGALHÃES, 1934, p. 57)

Há dolorosas narrativas de Spix e Martius (1972) pelos ínvios sertões baianos em que vários lotes de mulas morriam de sede pelo caminho, num sofrimento indescritível, caindo com as cargas pesadas e se debatendo no momento final. Os animais sofriam até a morte.

A Madrinha da tropa correspondia à égua ou mula que viajava na frente da tropa cargueira (com cabeçada e guizos) para servir de guia aos outros animais. Victor de Carvalho Ramos em *Mãe Chi*, com lirismo, destacou: “A mulada em lotes, uma a uma, passos cadenciados ao retinir da cabeçada, dos guizos e cincerro da madrinha, que ostentava garbosa no cocuruto, como um símbolo imperial, a boneca de laçarotes rubros." (RAMOS, 1929, p. 17).

3.4.1. O diário de tropeiro de Gabriel Alves de Carvalho

Muitos tropeiros em suas atividades traziam suas cadernetas de anotações para a viagem. Eram diversas as atividades ou atribuições a serem feitas pelo caminho, em diferentes pontos da jornada pelos sertões. As mesmas, hoje, constituem precioso documentário de um cotidiano relegado ao esquecimento. Traduzem a labuta de um tempo já superado na lida com os beçudos e na importância em difundir e tramitar diferentes informações.



DOC. 16 – Mapa descrevendo a viagens realizadas por Gabriel Alves de Carvalho a partir das anotações de sua caderneta de campo e o seu diário das compras feitas desde Trindade, até passar por pontos comerciais então estratégicos como Anápolis e a nova capital Goiânia, até Vianópolis, que à época, era ponto final da Estrada de Ferro.

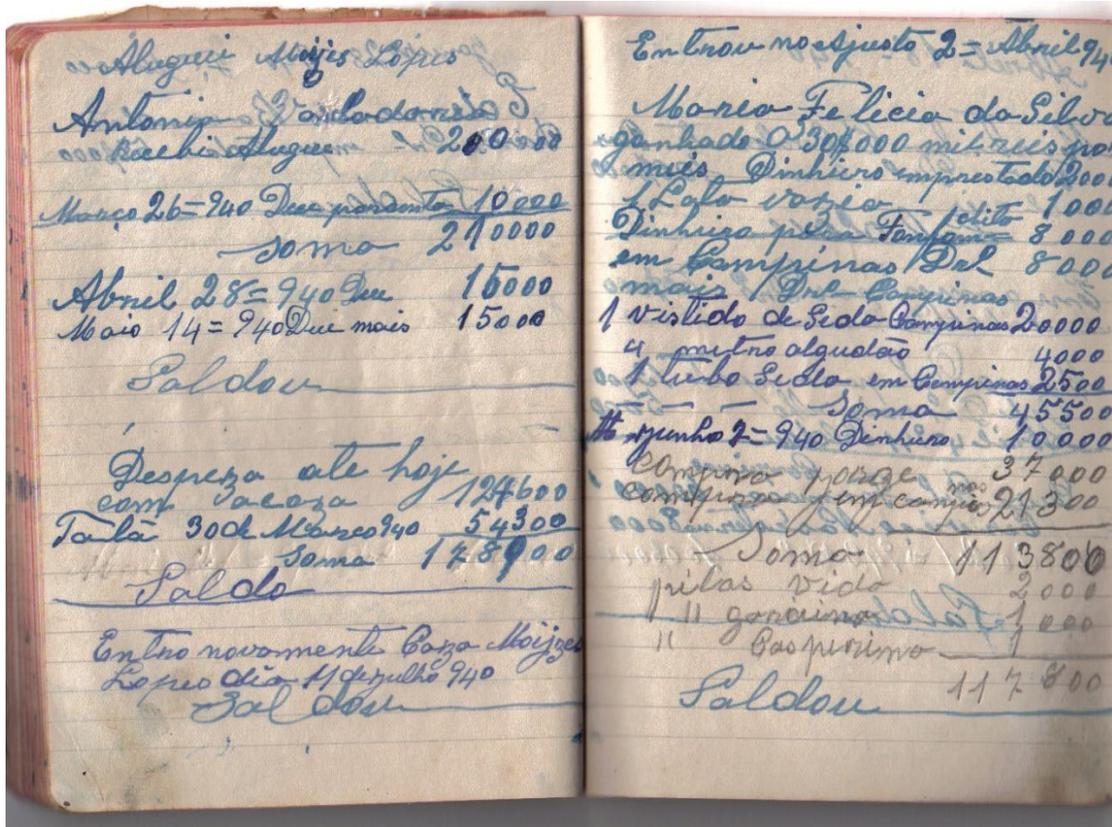
O mapa acima representa o traçado das viagens realizadas por Gabriel Alves de Carvalho a partir das anotações de sua caderneta de campo e o seu diário das compras feitas desde Trindade, até passar por pontos comerciais então estratégicos como Anápolis e a nova capital Goiânia, até Vianópolis, que à época, era ponto final da Estrada de Ferro.

Daí em diante seguia, em território goiano, as cidades de Silvânia, Orizona, Pires do Rio, Cumari, Catalão, até atingir o território mineiro, passando por Uberlândia e Uberaba, seguindo para o Estado de São Paulo em rotas distintas como a de Barretos e até Tambaú. Era a rota de um trajeto cheio de aventuras e dificuldades em que os nossos antepassados buscavam a melhoria de vida e o transporte de gado, informações e modos de vida.

Como documento de fonte primária, temos a caderneta de anotações do tropeiro e carreiro Gabriel Alves de Carvalho (1888-1951), que mais tarde foi fazendeiro na cidade de Trindade, na Fazenda Barro Branco; ponto de entrecruzamento de tropas e boiadas que transitavam de Goiás para o Estado de Mato Grosso. Foi possível fazer a seleção de algumas páginas da referida caderneta para comentários.

Nesta página aparecem anotações de dívidas de Maria Felícia da Silva com latas compradas em Campinas, vestidos de seda, remédios, com as devidas anotações de crédito e débito. Toda a contabilidade era feita.

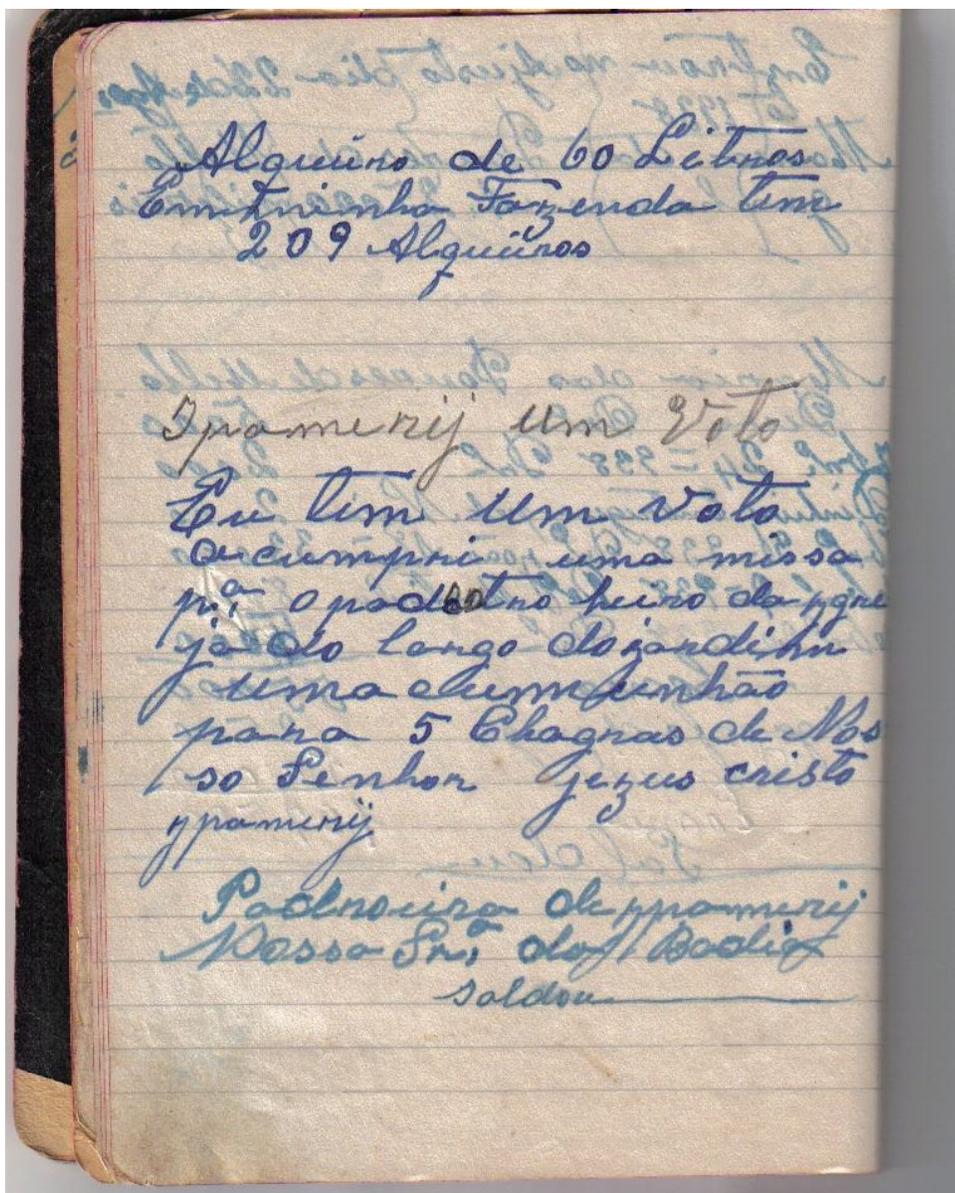
O tropeiro tinha muita responsabilidade em adquirir os produtos e entregar, com os montantes de dinheiro a serem pagos e também recebidos. Forma precária de Contabilidade, mas, também, maneira de promover, com honestidade, a tramitação de bens e valores de uma determinada época de dificuldades.



DOC. 17 - Página da Caderneta do Tropeiro Gabriel Alves de Carvalho.

Curiosa à anotação de um voto a ser cumprido em Ipameri, no Estado de Goiás em que deveria ser feito em tempo hábil. Até mesmo razões religiosas e sentimentais eram resolvidas pelos tropeiros. O voto aparece entremeado com um arremedo de oração às cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo e nome da padroeira de Ipameri⁴¹: “Nossa Senhora da Badia”. Junto, na mesma página, aparece também a medição de uma fazenda, destacando-se “alqueires de sessenta litros, inteirinha, a fazenda tem 209 alqueires”. Eram as velhas medições do passado que não mais se ajustam às do presente, no que concerne à exatidão dos termos alqueire, litro, além de outros.

⁴¹ Ipameri ou Entre Rios foi uma famosa cidade da região da Estrada de Ferro. Surgiu ainda no século XIX. Em 1904 foi emancipada. Sediou o 6º Batalhão de Caçadores, de histórica atuação.



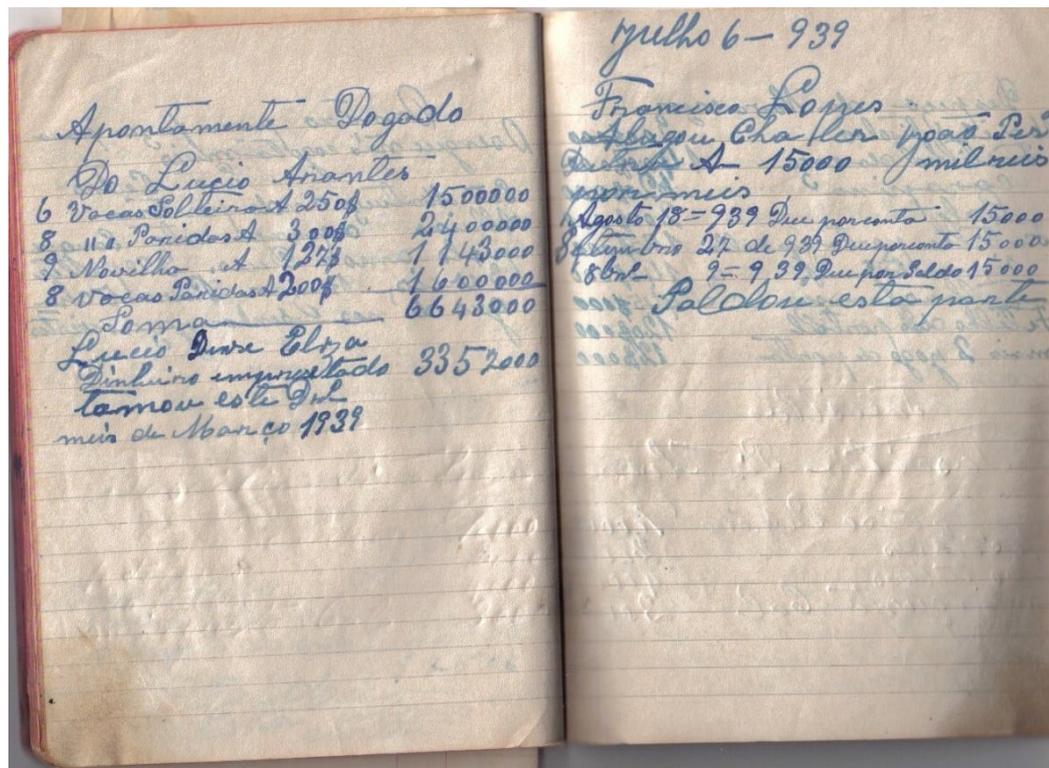
DOC. 18 - Apontamentos do carreiro Gabriel Alves

Em outra página aparece a dívida de Julieta Dornella, que, dentre outras coisas, havia encomendado os famosos remédios “A saúde da mulher”, e “Elixir Nogueira”, um par de sapatos, um corte e seda, serviço de transporte e havia pego dinheiro emprestado em Nazário e em Trindade e estava em fase de pagamento. O tropeiro também tramitava dívidas feitas de uma cidade para outra, servindo de atravessador. Com certeza tinha ele a sua porcentagem nos negócios.

Havia também tabelas com preços de aluguel de bestas, mulas e burros na Cidade de Goiás, já que este serviço era muito requisitado naquela época, conforme aparece no documento datado de 1823.

Seguem anotações sobre o gado do Lúcio Arantes, vacas solteiras, vacas paridas, novilhas, a dívida do Lúcio para com a Elza, o dinheiro emprestado em 1939. Na página seguinte o aluguel do “chaler” de Francisco Lopes de João Pereira.

Muitos fazendeiros vendiam gado para custear estudos dos filhos em outras cidades, já que a renda provinha apenas dessa atividade. Era o caso de Lúcio e Elza. Lúcio Batista Arantes (1918-2010), desembargador e juiz pioneiro de Brasília, quando rapaz estudou na antiga capital e seu avô, Antonio Francisco Ottoni custeava sua permanência em Goiás com essas vendas de gado, assim como a irmã Elza Arantes Ludovico de Almeida, hoje com 85 anos de idade, na época estudante do Ginásio Auxiliadora em Bonfim (Silvânia). Quem tramitava esse dinheiro de venda de gado e pagamento tanto em Goiás como em Bonfim era o tropeiro Gabriel Alves de Carvalho, vizinho em Trindade, no velho Largo da Matriz.

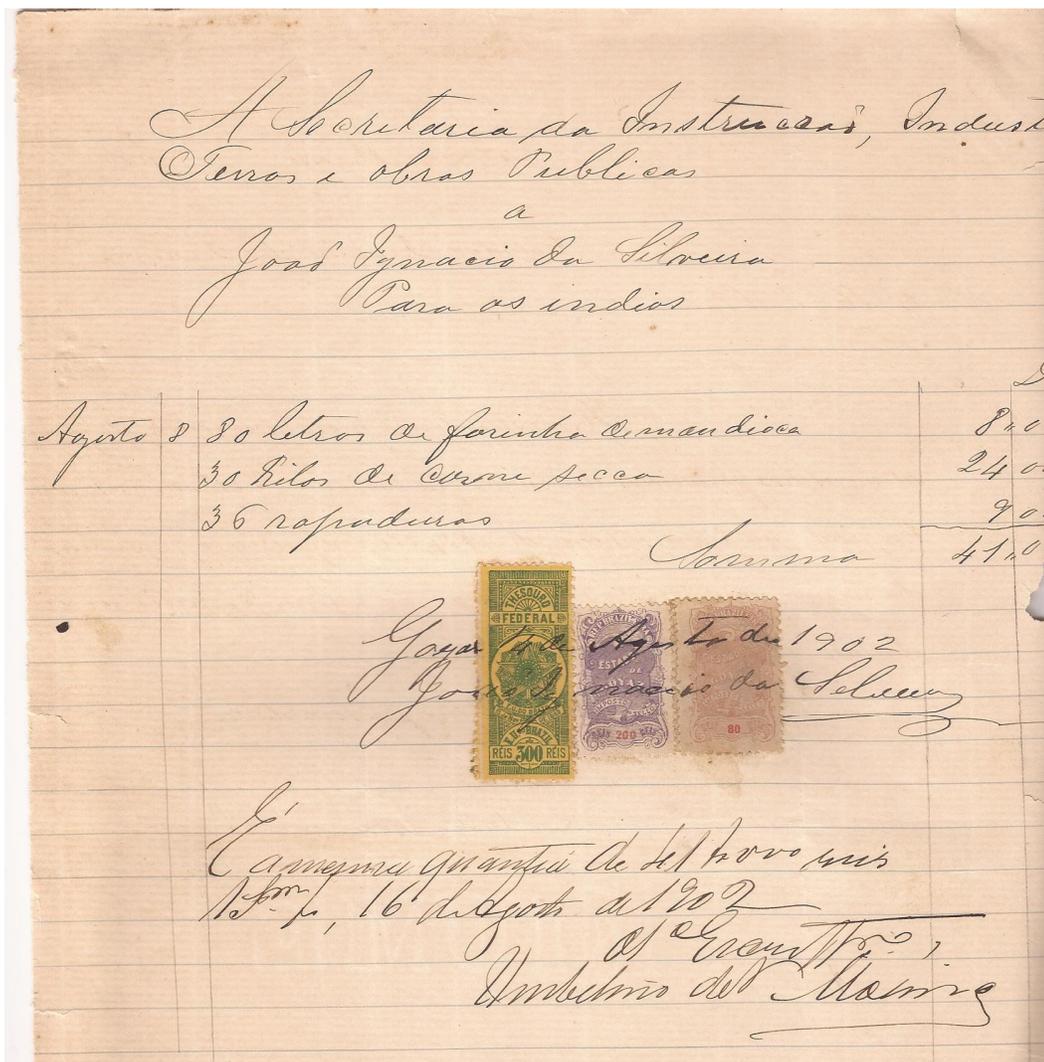


DOC. 22 - Apontamentos do Carreiros Gabriel Alves

Na página seguinte aparece a dívida de Benedito Alves Pires sobre três carros de milho (carro de boi), 12 alqueires de chão, cinco porcos magros, uma lata de querosene, um çaco (saco) de sal, um facão, uma coife, uma “enchada”, uma banda de capado, além do

aluguel da casa de Antonia Valladaria que “entrou” na casa do Dimas em 27 de agosto de 1940.

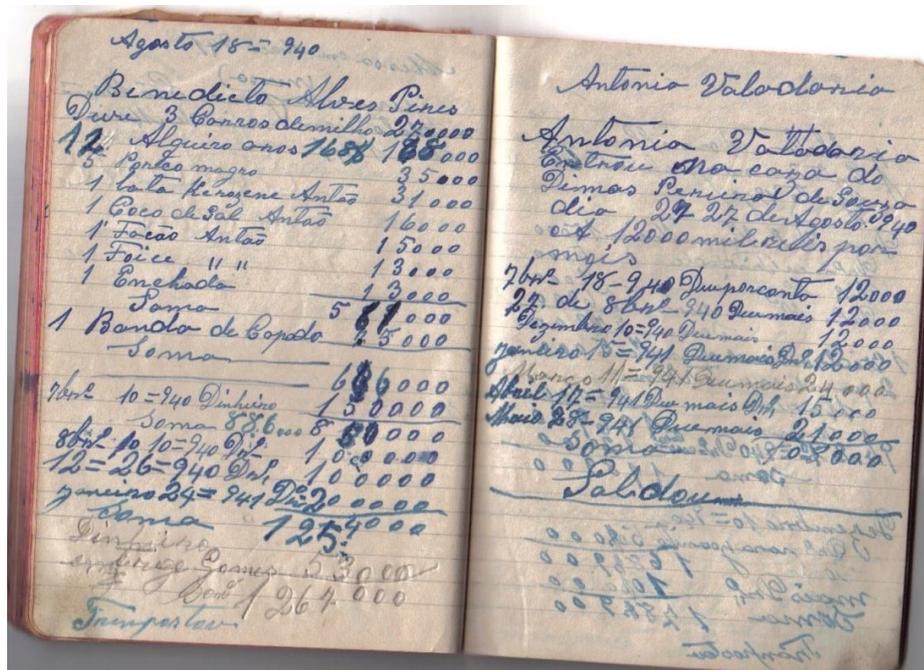
Havia guias para o transporte de mercadorias, conforme a que aparece abaixo, do ano de 1902 na Cidade de Goiás em que João Inácio da Silveira iria levar mercadorias para os índios (farinha, carne seca e rapadura) nos lombos dos animais. Os primeiros contatos comerciais também com os índios foram feitos por meio dos tropeiros, desde o final do século XIX.



DOC. 23 - Apontamentos do Carreiros Gabriel Alves

Os tropeiros também alugavam imóveis de pessoas que residiam em outras localidades. Eles recebiam as quantias e levavam aos interessados. Faziam assim o papel de

banco imobiliário. E com muita responsabilidade e retidão eles cumpriram esse papel tão importante no passado.



DOC. 24 – Apontamentos do Carreiros Gabriel Alves

3.4.2. Os saberes, memórias e depoimentos sobre a saga beijuda em Goiás



FOTO 43 - Laércia América Moreira, 84 anos, esposa de comissário, saudosista dos tempos idos, no “rabo” do seu fogão de lenha, segurando uma candeia a clarear os dias de outrora.

Nessa parte do trabalho fizemos uma série de entrevistas com diferentes pessoas em diversas situações para trazer de volta, ao cenário emotivo da vida, as histórias que pulsam nos corações dos idosos e que lhes fazem brilhar os olhos no contentamento, ou tristeza, em relembrar perdidos tempos na esteira da existência.

A primeira entrevistada foi a senhora Laércia América Moreira, residente na cidade de Trindade, em Goiás. Aos 84 anos de idade, lúcida, bem cuidada, coerente e sábia, destacou os tempos em que seu esposo Gerson Vasconcelos de Moraes, apelidado de Nego Pinta Roxa (1922-2002) era comissário e tropeiro; profissão que exerceu toda uma vida e da qual também, segundo ela, era apaixonante, mas difícil e cansativa.

Relata a entrevistada, em encontro em sua residência simples e bem cuidada, e que fez questão de estar numa varanda com seu fogão caipira, no dia 26 de abril de 2012, que o marido, enquanto comissário, tinha inúmeras atribuições no cotidiano e ficava meses fora de casa, mas vinha com muito dinheiro, pois era um encargo que rendia bastante. Mas havia tempos de penúrias com alguns roubos pelo caminho ou certos tratos que não era cumpridos. Infelizmente gente que “passa a perna” sempre existiu no mundo.

Na sua visão, a labuta com os animais era por demais preparada e exigia técnica e esmero, dedicação e cuidado, já que adestrá-los era uma função muito difícil, em razão de que a tropa precisava ser homogênea para conseguir afinar-se com as dificuldades, tropeços e possíveis embaraços pelo caminho.

Relatou dona Laércia que o marido era muito caprichoso com seus animais. A “burrada” era tratada como gente da família. Eram sempre considerados e recebiam cuidados especiais na alimentação, bons pastos, remédios, banhos, tosas, ferração, troca de utensílios que davam feridas, escovações; além da domesticação e adestramento que os tornava subordinados e mais dóceis.

Nas suas lembranças, a entrevistada foi tecendo filigranas do tempo, ao fazer todo o roteiro que o esposo percorria de Buriti Alegre, Morrinhos e Paraúna, assim como Trindade, até chegar em Barretos, no Estado de São Paulo, que era o ponto final da viagem. Ali fazia seus negócios e seus contatos e retornava, também, trazendo muitas encomendas. Havia, pois, o ganho na ida e na vinda; razão pelas quais a guaiaca vinha sempre cheia.

Recordou também as dificuldades, a perda de animais pelos caminhos, as peripécias de alguns pousos, as mudanças de roteiro, as chuvas inesperadas, travessia perigosa de rios, assaltos, doenças; enfim, era uma existência de sacrifícios que o esposo teve por cerca de 30 anos.

Foi ele um dos últimos tropeiros e comissários, ainda nos anos de 1980 na região de Goiânia, mais precisamente em Trindade. Mesmo com todo o progresso, carretas, caminhos de asfalto, gados engaiolados, Nego Pinta Roxa ainda fazia viagens com sua tropa, com mais de setenta anos. Acossado pelo progresso, com a falta de estradas, perigos de travessia de seus animais em rodovias, o levaram a parar e também a morrer. O fim de seu percurso de comissário foi a causa de sua fase penumbriada, da qual nunca saiu, até morrer aos 79 anos de idade em Trindade.

Ao fechar sua fala, enfatizou dona Laércia; “Ôh tempo bão...”.



FOTO 44 - O comissário Gerson Vasconcelos (Nêgo Pinta Roxa), tangendo sua tropa nos caminhos goianos. Ele foi um dos últimos da região de Goiânia, viajando ainda nos anos de 1980.

Gerson Vasconcelos de Moraes (Nego Pinta Roxa) foi um dos últimos tropeiros da região metropolitana de Goiânia. Resistiu enquanto foi possível aos embates da modernidade, mas foi tragado pelo questionável progresso.

Representou a legitimidade do peão de boiadeiro que perdeu a profissão e por sua falta morreu. Sua bravura e resistência em ainda manter a tropa no quente e negrume do asfalto, denotam o quanto o legado beicudo foi importante aos seus profissionais tragados e apagados pelo ciclo do rodoviarismo em nosso Estado.

Outro entrevistado foi o boiadeiro e depois oleiro Benedito Cardoso de Moraes, com 92 anos de idade, lúcido, residente também na cidade de Trindade. O encontro ocorreu em sua residência, no dia 27 de maio de 2012 em que, sob forte emoção, lembrou seus tempos de lida com animais, suspirando que o “fim da vida é essa canseira, essa inutilidade, hoje não sirvo para nada, sou um caco doente”.

Relembrou seu trabalho com gado e viagens pelo sertão, na cidade de Bela Vista de Goiás, antiga Suçuapara, em que levava e trazia os animais do Porto de Roncador para as fazendas da região e também de Campinas. “Era gado bonito, caro e bem tratado”, em que os fazendeiros formavam raça e ganhavam dinheiro.

Relatou ainda que as viagens eram planejadas adrede e que se constituíam em verdadeiras epopéias, marcadas por muitas peripécias como estouro de boiada, assaltos, chuvas torrenciais, falta de água, animais ferozes. Relatou que, em 1932, uma boiada estourou em Ipameri porque, por descuido, um peão derrubou uma caixa de marimbondo “cavalo” que atacou os animais e os homens, “o trem foi feio”, suspirou.

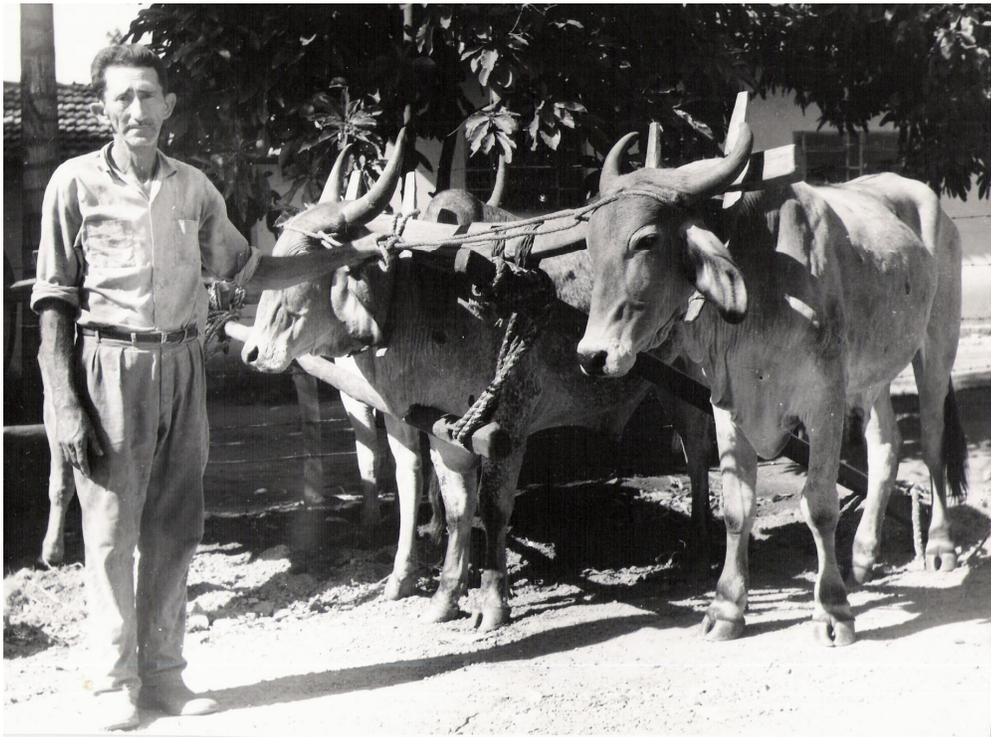


FOTO 45 - Senhor Benedito Cardoso de Moraes com seus bois na antiga lida boiadeira. Foto de arquivo familiar.

Como a vida de boiadeiro era por demais estafante e havia perdido a primeira esposa em grande sofrimento, Benedito Cardoso de Moraes, com os filhos pequenos e órfãos

de mãe, passou a trabalhar como oleiro porque ficava mais próximo à família, quando então se desfez de sua tropa, mas aproveitou alguns animais para trabalharem na olaria, em razão de apego aos mesmos. “Quando vi os burros indo embora, senti um aperto no peito. Corri atrás do comprador e desfiz o negócio e fiquei com eles na olaria. Tinha medo da judieira que eles poderiam passar longe de mim”.

Tal fato comprova a perfeita simbiose entre o ser humano e os animais naqueles tempos de lutas e labutas, na saga beijuda. Não apenas exploração, mas, também, harmonia e agradecimento aos animais pela lida diária, constante e custosa.

O senhor Benedito Cardoso de Moraes pareceu-nos muito saudosista dos tempos passados, muito contrafeito com as peripécias e limitações trazidas pela idade. Ele não conseguiu compreender que há um momento de parar; ele não se preparou para a parada e não aprendeu a descansar. Com lágrimas nos olhos ele nos deixou a impressionante mensagem final: “Aprende a fazer alguma coisa diferente que no fim da vida possa te valer. É muito difícil ser um trapo como eu que só geme e chora o dia inteiro”.

Essa entrevista nos deixou uma impressão muito forte e desconcertante sobre o destino humano, ou seja, o como se preparar para o fim inexorável.



FOTO 46 - Olaria da região do Barro Branco em 1946, propriedade de José Teixeira de Deus e Ana Alves de Carvalho. A respectiva Olaria era arrendada por Benedito Cardoso de Moraes. Observa-se na foto a 'pipa' (instrumento de moer o barro) de madeira movida a animal. Atrás da pipa havia um depósito de barro chamado picador que a alimentava. Depois de moído, o barro era levado de carrinho de mão para o terreiro a fim de ser cortado em formado, depositado no chão para secagem, richado (virado) e finalmente queimado. A queima era realizada em forno de barro aquecido a lenha. Acervo de Benedito Cardoso de Moraes.

Outra entrevistada foi à senhora Ana Geralda Ferreira, de 87 anos de idade, também residente em Trindade, extremamente lúcida, culta e arrojada, que foi professora de fazenda e também “tocadora de porcos” e tinha uma pequena tropa de animais com a qual comercializava em Goiabeiras (Inhumas), os produtos que trazia da roça, principalmente os doces que fazia para vender.



FOTO 47 - A entrevistada, Ana Geralda Ferreira com minhas duas “assistentes”, as filhas Elisa de Araújo Meirelles Lewergger e Maria Paula Fleury Araújo Meirelles Lewergger.

A entrevista foi realizada no dia 27 de setembro de 2012 em sua residência. Emocionada, mas firme, contou-nos ser nascida em Abadia do Bonsucesso, hoje a cidade mineira de Tupaciguara, em 1926.

Teve paralisia infantil que a deixou com as pernas arcadas e um andar arrastado, caindo sempre e, por ser assim aleijada, como ressaltou, o pai abandonou a mãe com vergonha do seu “aleijume”. Relatou isso com naturalidade, sem mágoa no falar, o que demonstra que os janeiros acumulados têm o dom de abrandar certos corações, para algumas pessoas que aprendem a perdoar.

Mesmo assim buscou estudar, ainda que caísse pelas ruas, passando fome e lavando roupa para fora para se sustentar, desde os dez anos de idade. Terminou o “Ginásio” e foi ser professora de roça, numa rebaixa de serra, sozinha no casarão da escola. Só recebia

uma vez no ano e para não morrer de fome, comprou um “lote” de animais e passou a vender os produtos da roça na cidade de Goiabeiras, onde já vivia, como queijo, requeijão, leite e os doces cristalizados que fazia. Três vezes por semana arriava sua tropinha de seis burros e seguia a subida da serra até a vila para vender suas coisas pelas ruas empoeiradas.



FOTO 48 - Estradas de terra por onde passou Ana Geralda com sua tropinha e tocando porcos, na região de Inhumas.

Na volta vinha “tocando porcos” para as pessoas que encomendavam capados para engorda na roça. Ganhava dinheiro indo e vindo. Pela sua dificuldade de locomoção, muitas vezes, relatou a mesma, caía pelas estradas e eram seus burros que lhe davam sustentação para conseguir viver e não desistir. Ela se rotulou, com satisfação, como a primeira “tocadora de porcos” da história da Goiabeira (Inhumas), mesmo sendo aleijada e com andado de “Maria patinha”, como se descreveu ironicamente.

Casada e depois abandonada na segunda gravidez pelo marido, Ana Geralda Ferreira seguiu a vida sem esmorecimentos com sua tropinha, seus burros (canivete, mimoso, tupã, pançudo, navegante e diamante) que ela relembrou um a um, nunca se absteve da coragem de ser tropeira, ainda que sozinha e doente. “Meus animais eram tudo para mim.

Com eles, eu não morri de fome e quantas vezes vinha chorando de tristeza e solidão, montada no mimoso naquelas estradas poeirentas”, ressaltou com emoção a entrevistada.

Aposentou-se como professora rural, continuou por 25 anos com sua tropinha e a tocação de porcos, até que mudou para Trindade. Cercada de carinho pelas filhas, hoje borda, lê, reza, faz novenas em casa, assiste filmes, conta histórias, escreve, ouve música, faz biscoitos e têm alegria de viver; mesmo enxergando pouco e andando escorada pelas filhas; um contraste muito grande com a velhice melancólica do senhor Benedito Cardoso de Moraes. A tal fato se alia as considerações que nos foi possível tecer com a letra da música: “É preciso saber viver!”, ou seja, de que a sabedoria na essência é para poucas pessoas.

Outra entrevistada foi a senhora Nair Faria Carneiro, de 94 anos de idade e residente em Goiânia. O encontro se realizou no dia 18 de outubro de 2012 em sua residência. Filha de tropeiro, ela destacou com grande sabedoria, o papel exercido pelo pai, na saga beicuda, nos difíceis tempos do princípio do século XX na cidade goiana de Catalão e também do marido, comerciante de gado, na região de Uberaba, nos áureos tempos do zebu.



FOTO 49 - Visita oficial dos membros da Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes à Sócia Benemérita Nair Faria Carneiro, de 94 anos de idade, para entrega de seu Diploma. Presentes os Acadêmicos Efetivos Antonio Alves de Carvalho e Maria Geralda de Carvalho e dos Sócios Remidos e Eméritos da ATLECA: Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado e Iraci Borges. Outubro de 2012.

Contou-nos ela ser nascida na próspera cidade de Catalão no Estado de Goiás em 1919. Fez seus estudos em Urutaí, no Grupo Escolar local e mais tarde se tornou Normalista

pelo famoso Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, de Catalão, formador de dezenas de gerações de nobres mulheres que honraram a terra goiana. Em Catalão iniciou sua vida no magistério e passou a Urutaí, onde trabalhou no Grupo Escolar Vasco dos Reis Gonçalves e fundou o Educandário Santa Rita. Ali também prestou serviço, por curto período, na Escola Modelo de Urutaí, de nível Federal.

Seu desejo inicial era servir a Deus como freira, mas quis o destino que em seu caminho surgisse um ser humano apaixonado. Joviano Carneiro, de Uberaba, rapaz de posses e negociante de gado, interessou-se pela jovem mocinha, normalista com diploma de Catalão. Vendo-o pela primeira vez, viu-se fulminada pelo sentimento e toda a sua vocação à igreja esboroou. Casada, pouco, porém, durou a felicidade, em Uberaba, quando Nair esperava o terceiro filho, perdeu o marido que morreu ainda jovem em razão da doença de Chagas que grassava na região.

Do desespero inicial, dando a luz ao filho no dia do sepultamento do marido, Nair Faria Carneiro partiu para o enfrentamento da vida sem esmorecimentos. Com garra e coragem, atravessou caminhos e se fez esteio de firmeza para os filhos. Anos depois foi removida para a Fazenda Capivara, do Ministério da Agricultura próximo a Goiânia, como funcionária do Ministério da Agricultura. Criou e educou seus filhos e mais outros trinta que passaram por suas mãos. Foi mãe em potencial.

Relatou-nos a mesma, com ênfase, num português correto e castiço, que o marido ganhava dinheiro e muito, na lida com o comércio de gado. Ficava o mesmo na parte administrativa e contábil das empresas e dos exportadores da época, e admirava-se do quanto o boi impulsionou a economia daquela região e o desenvolvimento de Goiás e do triângulo mineiro.

Relatou também seu trabalho no Ministério da Agricultura e como servidora na famosa Fazenda Capivara, nas proximidades da jovem capital goiana, Nair pode também compreender o importante papel do gado na economia de nosso Estado, em que o dinheiro corria e fortunas nasciam ou morriam do dia para a noite, em oscilações de mercado. "Vi gente dormir pobre e acordar rica e gente milionária virar penitente. Coisa de impressionar", relatou resoluta. Era a saga do gado a dominar corações e interesses em tempos de antanho.

A partir das entrevistas foi possível também compreender, sob a égide da emoção e do sentimento toda a trajetória de vidas marcadas pela lida com os animais, os beçudos, que escreveram páginas de sofrimentos, mágoas, dores, alegrias, trabalhos, lutas, labutas, misérias, riquezas, no entrechoque com o ser humano na contagem das eras.

3.4.3. Beijudos para outras atividades e para passeio: parte da família

Outra atividade em que os beijudos eram utilizados em larga escala era nas olarias e nos engenhos de cana. No ciclo agropecuário de Goiás, o papel exercido pelos engenhos de rapadura, melado, manuê e alambiques, além das olarias na fabricação de tijolos, adobes, telhas foi decisivo para a sustentação da vida e manutenção do ser humano do campo em seu meio e em seu tempo. Muitas famílias viveram dessas profissões de forma honrada e digna.

Para tais serviços eram utilizados os beijudos, bois, vacas, cavalos, éguas, mulas, burros, jegues, que puxavam a almanjara tanto para moer a cana, quanto para misturar e picar o barro. Esses beijudos, geralmente dóceis, eram puxados por crianças e circulavam horas seguidas para mover as engenhoas e traquitanas daqueles tempos. Muitos ficavam tontos e acabavam caindo no giro constante que faziam.

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado tem publicado um conto intitulado “Moagem”, do livro *Veranico de janeiro*, em que mostra a lida estafante de um dia de engenho, escrito de forma dolorosa, sobre a exploração do ser humano e dos animais.



FOTO 50 - Engenho em Corumbá de Goiás. Foto do livro *Corumbá de Goiás: Estudos sociais*, de Ramir Curado, página 23.

Sobre o uso dos engenhos, vinham documentos da Corte explicitando sobre o uso desses recursos, do ano de 1868, em relação aos impostos e pagamentos de taxas.

N.º

Circular

2.ª
Seção

Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios da Agricultura, Commercio
e Obras Publicas, em 1 de Junho de 1868

A. M. e C. P.

Em additamento ao aviso circular d'este
Ministerio de 4 de Maio ultimo, declaro a V.ª
para que faça constar a Thesouraria de Fajen-
da d'essa Provincia, que dos pagamentos das gra-
tificações de transporte individualmente feitos aos
Engenheiros na conformidade da Tabela que
baizon com o Decreto N.º 2922 de 15 de Maio de
1862, se deve extrahir conta, e em de ter lugar
a restituição, com a Lei o preserve.

Deus Guarde a V.ª

D. J. e M. D. Antez.
Empresario e correio
res. Palácio do go-
verno do Rio de Janeiro
em 17 de Agosto de
1868

DOC. 25 – Circular do Rio de Janeiro destacando sobre os impostos do uso de engenhos na Província de Goyaz.

Outra ocupação do trabalho com os beçudos era a lida do gado na rotina de chácaras e fazendas. Eram utilizados para buscar o gado nas invernadas, apartar os bezerros e tocar as boiadas para os pastos mais distantes, ou mesmo levar o leite tirado no dia para a porteira, onde, geralmente, o leiteiro vinha buscar.



FOTO 51 - Lida do gado no curral, utilizando os beçudos como segurança e rapidez. Acervo de Antero Batista de Abreu Cordeiro.

Outro trabalho realizado pelos beçudos na lida do campo era puxando arados, cultivadores e as alcunhadas “carpideiras” para plantio, limpa e adubação da lavoura. Havia geralmente um puxador do animal (quase sempre uma criança) que o conduzia ao lugar certo. Muitos beçudos, porém eram tão dóceis, tão acostumados ao trabalho que seguiam os roteiros certos das ruas da plantação, sem desviar do local destinado à passagem, sem ter ninguém os conduzindo.



FOTO 52 - Trabalho com o arado rústico puxado pelos beíçudos, cotidiano de todas as fazendas, sítios e chácaras em Goiás. Foram eles, de forma calada, que conduziram a nossa economia num período de cansaços e suores. Acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Outra utilidade dos beíçudos na rotina das fazendas era para os passeios. Todos os fazendeiros, sitiantes ou chacareiros possuíam seus animais de sela para os passeios e as viagens. Muitos compravam caros e caprichados apetrechos para ornamentação dos animais, o que era costume para impor respeito e definir as classes sociais. Bernardo Élis Fleury de Campos Curado em seu romance *Chegou o governador* relata esse costume na antiga capital, Cidade de Goiás, ainda no século XIX.

Outros contratavam retratistas para visitarem suas fazendas e fotografar o gado, como prova de afeto, poder, domínio e comprovação de melhora de vida. São diversos os retratos desse tempo, inclusive naqueles esquecidos monoclos. Seguem alguns exemplos do gado eternizado pelos flashes nas fazendas de Trindade no final do século XIX e primeiros anos do século XX:



FOTO 53 -



FOTO 54 -

Outros já preferiam, nas cidades, serem eternizados juntamente com as suas montarias, por ocasião de passeios ou venda dos produtos fabricados nas fazendas. Muitos retratistas trocavam gêneros por eles produzidos nas fazendas pelos próprios retratos, como queijos, requeijões, rapaduras, arroz e feijão. Outros colocavam as crianças sobre os animais, como prova de integração e interação dos beçudos com a família.



FOTO 55 -

Durante as saídas das fazendas, também muitos apreciavam fotografar para o registro. Eram costumes que se enraizavam no jeito peculiar do goiano.



FOTO 56 - Fazenda Zeca Alves e Mariazinha na década de vinte. Região da Terra Podre (saída para Santa Bárbara). Observa-se a mulher assentada em silhão. O casal um ao lado do outro em pose frontal. A sede da fazenda, de fundo em que os detalhes da molduras subscrevem-se as iniciais do proprietário, símbolo de poder e posse.

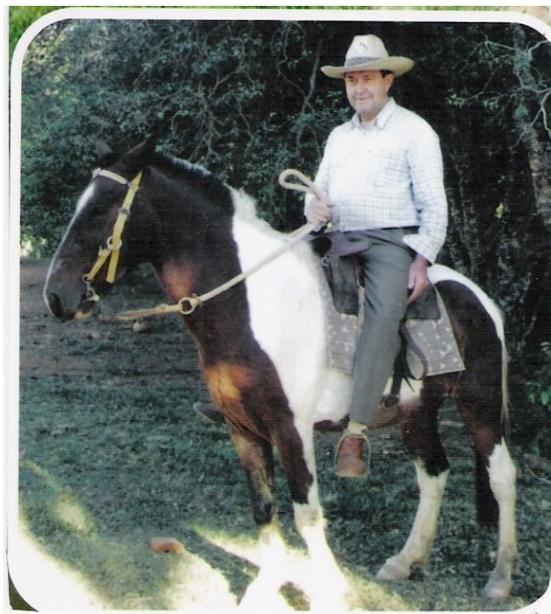


FOTO 57 - Os beijudos eram lembrados inclusive em lembrancinhas mortuárias. Nesta, o fazendeiro Gerson Cardoso quis ser lembrado montado em seu cavalo. Era a marca da terra e do chão, presente até o fim e depois dele.

Também muitos gostavam de fotografar os seus beijudos ou os alheios em locais públicos onde geralmente ficavam. Era o gosto pela exposição dos mesmos em meio à coletividade.

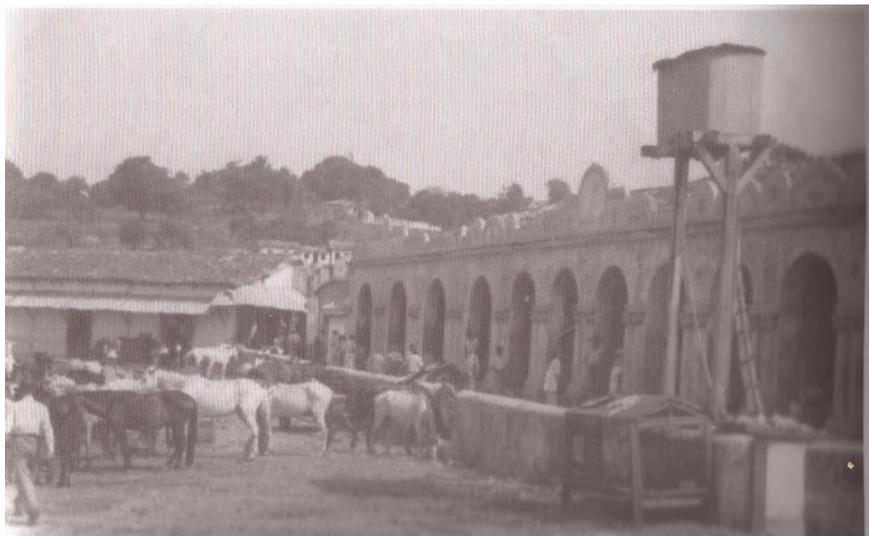


FOTO 58 - Exposição de beijudos no interior do Mercado da Cidade de Goiás em 1922. Acervo de Bento Fleury.



FOTO 59 - Em Jataí, na avenida principal, a fotografia da saída de uma tropa rumo a São Pedro de Uberabinha, (Uberlândia). Acervo de Basileu Toledo França.



FOTO 60 - Saída de um carro de boi em Jataí, da casa do chefe político Manuel Vilela em 1919. Acervo de Basileu Toledo França.



FOTO 61 - A importância do transporte beijudo. Os muares eram símbolos de prestígio e as fotografias geralmente eram tiradas ao lado das fazendas, com alicerces de pedras e esteiros de aroeira. Amava-se o que era real, a casa e os animais. Acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.



FOTO 62 - Alguns usavam como cenário de fundo os velhos muros de terra socada rebuçados de telhas dos quintais de antigamente. A casa e os animais eram identidade.



FOTO 63 - Havia perfeita simbiose entre crianças e animais, como percebemos nas três fotografias abaixo. Era a mansidão dos bichos do terreiro, como se percebe nas duas fotografias abaixo, na região de Trindade.

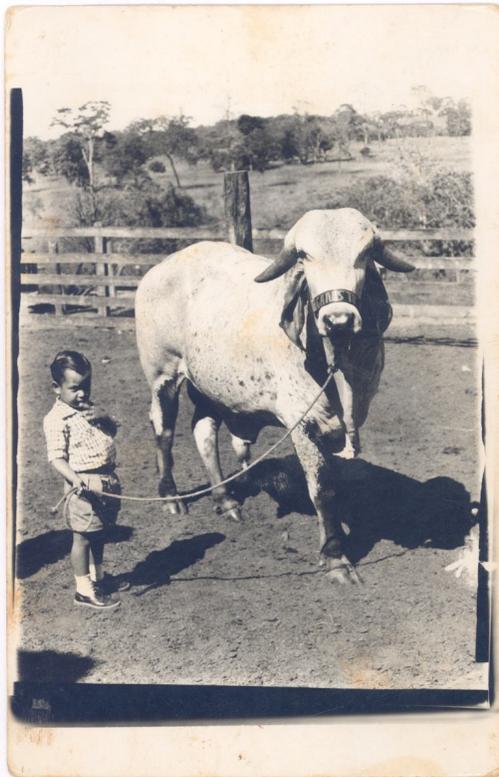


FOTO 64 - Nesta fotografia, as crianças estão montadas nos bois, completamente despreocupadas e sem nenhum uso de corda.

3.4.5. As autoridades e os beçudos: no ontem e no hoje

Na história de Goiás, tanto no ontem como no hoje, os beçudos também estiveram ao lado e personalidades famosas e pessoas e expressão na sociedade em diferentes áreas da atividade humana. E foram também eternizados nas figuras daqueles que os utilizaram e registraram aos tempos modernos. Há diversas estátuas em todo o mundo em que aparecem homens sobre cavalos. Era o símbolo do poder.

Em Goiás, o único prefeito de Campininha das Flores, historiador, fazendeiro e comerciante Licardino de Oliveira Ney era um apreciador dos beçudos. Por diversas ocasiões esteve retratado utilizando-os para os mais diversos serviços. Relata inclusive sobre os seus animais no livro *Um lutador*, publicado em 1975.

Licardino de Oliveira Ney foi intendente em Campinas e um dos ardorosos defensores da mudança da capital. Esse mineiro que se goianizou, gostava dos beçudos de sua fazenda nas proximidades do Rio Meia Ponte em Goiânia e por diversas vezes foi fotografado ao lado dos mesmos. Era um amante dos animais acima de tudo.



FOTO 65 - Licardino de Oliveira Ney em sua fazenda na região do Rio Meia Ponte em Goiânia com os seus beçudos de estimação. Acervo do Jornal *Cinco de Março* de 1971.

Outro vulto da história goiana, Pedro Ludovico Teixeira (1891-1979) foi também ardoroso admirador e utilitário dos beicudos ao longo de sua atuação de ser humano público. Célebre foi sua fotografia montado em seu cavalo observando as campinas onde seria edificada a nova capital de Goiás, depois transformada em estátua pelo talento de Neusa Rodrigues Moraes.

Além de Interventor Federal em Goiás por época da Revolução de 1930, depois Senador, ser humano público, memorialista, membro da Academia Goiana de Letras, Pedro Ludovico era fazendeiro, tinha carro de boi e apreciava uma montaria. Era também um incentivador das exposições agropecuárias.



Foto sem identificação do local e data, mostrando Pedro Ludovico numa exposição pecuária com um exemplar de gado zebuino, típico da época

FOTO 66 -

Outro apreciador dos beicudos foi o Senador Antonio Ramos Caiado (Totó Caiado). Era sempre visto em seus animais transitando pelas acidentadas ruas da Cidade de Goiás em tempo de antanho. No conto “Variações em torno de apelidos”, o desembargador Maximiano da Mata Teixeira relata que o líder da política goiana de 1909 a 1930 gostava de,

por sobre o seu animal, laçar o tipo de rua apelidado de Mané boi e puxá-lo por brincadeira. Mesmo na atuação política de acentuado destaque, apreciava mesmo era a lida com os animais.



FOTO 67 - Antonio Ramos Caiado (Totó Caiado) em seu animal na porta de sua casa/chácara na antiga capital de Goiás. Acervo de Lena Castello Branco Ferreira de Freitas.

Anacleto Gonçalves de Almeida (1865-1923) foi outra liderança política da região de Campininha das Flores e Barro Preto da Santíssima Trindade de Goiás. Foi fazendeiro, delegado de polícia, intendente de Barro Preto; lutou pela emancipação política de Trindade em 1920 e foi escolhido como seu primeiro prefeito.

Em 1899, Anacleto Gonçalves de Almeida foi personagem central da questão ligada ao Bispo Dom Eduardo Duarte da Silva que culminou com a mudança do Bispado para a cidade de Uberaba e a excomunhão da Romaria de Trindade.

Para defender os interesses do Distrito de Trindade, o então Coronel Anacleto Gonçalves de Almeida cercou a igreja do Divino Pai Eterno onde estava o Bispo e sua

comitiva com a intenção de levar a imagem para Campinas e seguir ali a Romaria e ameaçou a todos, caso dali saísse a imagem. O Bispo simulou um desmaio e, irado, excomungou a Romaria que perdurou por três anos sendo administrada por uma associação leiga. Somente em 1903 os Redentoristas bávaros voltaram.

Anacleto Gonçalves em sua fazenda na região do Arrozal era um apreciador dos animais e se apresentava tanto em Trindade quanto em Campinas, com belos e suntuosos animais.



FOTO 68 - Coronel Anacleto Gonçalves de Almeida - Fazendeiro, líder político, intendente -1920 a 1923-, delegado de Campininhas das Flores e responsável pela interdição pela Romaria do Divino Pai Eterno de 1900 a 1923. Foto de 1901, traje requintado, relógio de bolso, chapéu panamá, montaria completa, postura típica do coronel da República Velha.

Também as mulheres em Goiás foram apreciadoras dos beicudos para as montarias. No século XX mais ainda em razão de mais liberdade em relação ao uso do silhão, podendo escanchar como os homens em posição de perna aberta, o que era condenável no passado.

A folclorista e escritora Regina Lacerda (1919-1992) era apreciadora das montarias. Ela foi uma das mais importantes representantes da cultura em nosso Estado. Foi a primeira mulher goiana a ingressar na Academia Goiana de Letras em 1977. Estudiosa do folclore goiano publicou diversas obras versando sobre o assunto, inclusive dessa ciência popular ligada à figura dos animais.



FOTO 69 - Regina Lacerda, montada, de chapelão na cabeça, numa chácara na Cidade de Goiás., vendo-se o bucolismo das antigas chácaras goianas. Fotografia de seu Álbum Regina Lacerda.

Também na epopeia da construção de Goiânia os beicudos estiveram presentes alavancando o futuro. Foram eles que arrastaram os rolos compressores pesadíssimos das primeiras avenidas da nova cidade.

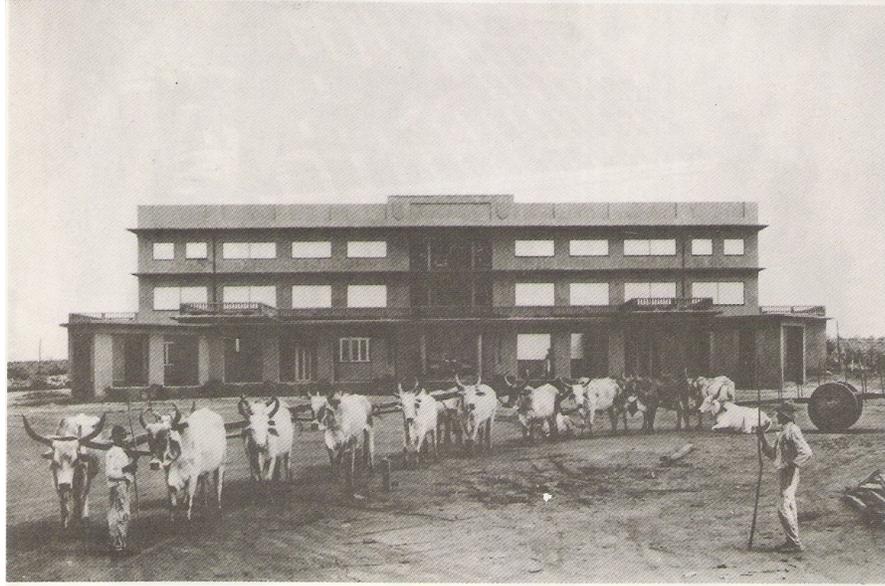


FOTO 70 - Carro de boi defronte ao Palácio das Esmeraldas em construção. Foi Berto.

Na abertura das primeiras ruas, movimentação dos materiais pesados, dos maquinários, peças, ferramentas, os beçudos estiveram construindo a história de uma cidade que nascia no coração do Brasil. Enfrentaram grandes lutas como arrastar um carro pesadíssimo na lama e nos alagamentos o que tornava mais ainda pesado por conta terra malhada que atolava. Mas seguiram sem vacilações.



FOTO 71 - Esforço dos carros de bois vencendo os lamaçais de Goiânia nos meses das águas. Era força e determinação em demasia. Assim, na força dos beçudos a história foi construída.



FOTO 72 – Carro de boi no lamaçal dos primeiros dias de Goiânia

Na sequência do tempo, foi criada em 1941, a SGPA (Sociedade goiana de Pecuária e Agricultura) pelo esforço de Dr. Altamiro de Moura Pacheco⁴². De lá para cá, passou a promover a Exposição Agropecuária anual em Goiânia no parque que foi criado no setor Nova Vila. Os goianos chamam esta festa de “Pecuária”. Participar do evento significa encontrar a força dos beijudos presente e testemunhada a todos os cidadãos.

⁴² Altamiro de Moura Pacheco (1896-1996) nasceu em Bela Vista de Goiás. Foi farmacêutico, médico, escritor e agropecuarista, pioneiro de Goiânia e Brasília. Foi membro da Academia Goiana de Letras e um dos mais notáveis bibliófilos goianos. Deixou os livros *Rochedo e ferrolho*, e *Sonhando com minha terra*.



SOCIEDADE GOIANA DE PECUÁRIA, constituída em 1941 pelo denodado esforço do Dr. Altamiro de Moura Pacheco, que fez construir o seu prédio sede de sete pavimentos, inclusive abrigo anti-aéreo, congrega a classe agro-pecuária do Estado de Goiás. A sociedade faz realizar anualmente, de 27 a 31 de Maio, exposições agro-pecuárias, a cujos certa-

mes acorrem produtores deste e dos Estados vizinhos. O rodeio (hipismo) constitui uma das atrações das exposições. Da abertura da XV Exposição realizada em 1963 é a foto em que se vê o momento em que penetrava no recinto do Parque o Sr. Governador Mauro Borges em companhia do atual presidente da Sociedade, D. Carlos Machado de Araújo.



DOC. 26 - Guia Turístico de Goiás no ano de 1963, mostrando o então governador Mauro Borges Teixeira inaugurando a Exposição Agropecuária daquele ano o prédio da SGPA na Avenida Goiás, construído pelo esforço de Altamiro de Moura Pacheco e os belos espécimes de beijos presentes na exposição daquele ano.

Nesse Capítulo foi possível perceber toda a saga da lida beijuda na história goiana e as várias formas em que os mesmos estiveram inseridos no cotidiano da história, ombreando com o ser humano as dificuldades naturais do tempo. Com suas lutas, com seus sofrimentos, com sua participação, merecem o registro na compreensão da ocupação do espaço goiano e nas lutas e labutas específicas de uma época.

No próximo Capítulo estaremos destacando a influência dos beijudos no imaginário, na criatividade e no talento goiano, servindo de inspiração para artistas, poetas, escultores e músicos na cultura de nosso Estado.

CAPÍTULO IV

BEIÇUDOS DERRAMADOS EM PÁGINAS DE ENCANTAMENTO

Na literatura brasileira feita em Goiás há diversas obras que versam sobre a participação dos beçudos na formação de nossa gente. A maioria dessas obras apresentam capas dedicadas a esses animais. Seleccionamos algumas para a possibilidade de vislumbrar o legado beçudo derramando-se em líricas páginas de encantamento literário.

O escritor pirenopolino José Sizenando Jayme publicou o livro *Pirenópolis, humorismo e folclore* no ano de 1983. Na primeira e segunda capas, aparecem a pintura do ilustre artista Pécio Ribeiro Forzani⁴³, ao retratar, primeiramente, os beçudos usados nas cavalcadas tradicionais da cidade e, na segunda capa, os beçudos atravessando velhas pontes pirenopolinas, tendo ao fundo a imagem da matriz. Esta obra retrata chistes, piadas e anedotário da bela terra dos pireneus.

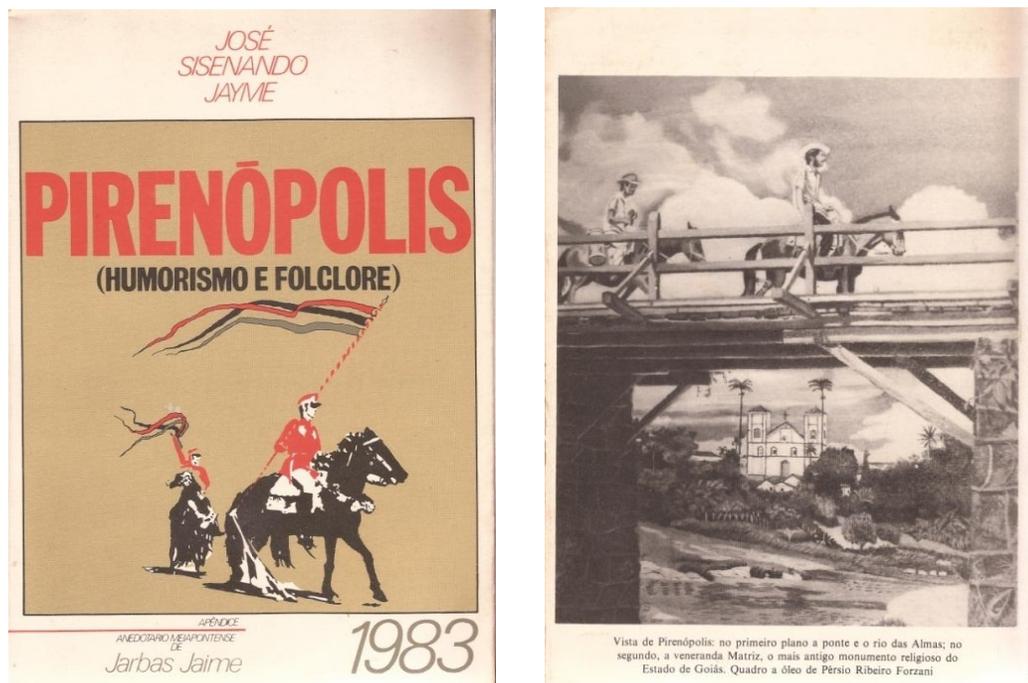


FOTO 73 – Capa e contra capa do livro de José Sizenando Jayme publicado em 1983.

⁴³ Pécio Ribeiro Forzani nasceu em Pirenópolis e se tornou um dos mais consagrados pintores daquela cidade, ao retratar seu casario, sua gente e suas tradições. Foi biografado por Amália Hermano Teixeira em sua obra *Perfis*.

Em 1954, o escritor jataiense Basileu Toledo França publicou o romance *Pioneiros*, que retrata a saga do surgimento da cidade de Jataí e a epopeia da família Vilela, detentora do poder nos primeiros anos da cidade. Na capa, aparece o desenho dos primeiros tropeiros que adentraram o sudoeste, na concepção de Antonio Vargas.⁴⁴ Na segunda edição feita pela Editora Oriente em 1977, aparece outro desenho de um carro de bois, na concepção de Laerte Araújo⁴⁵.

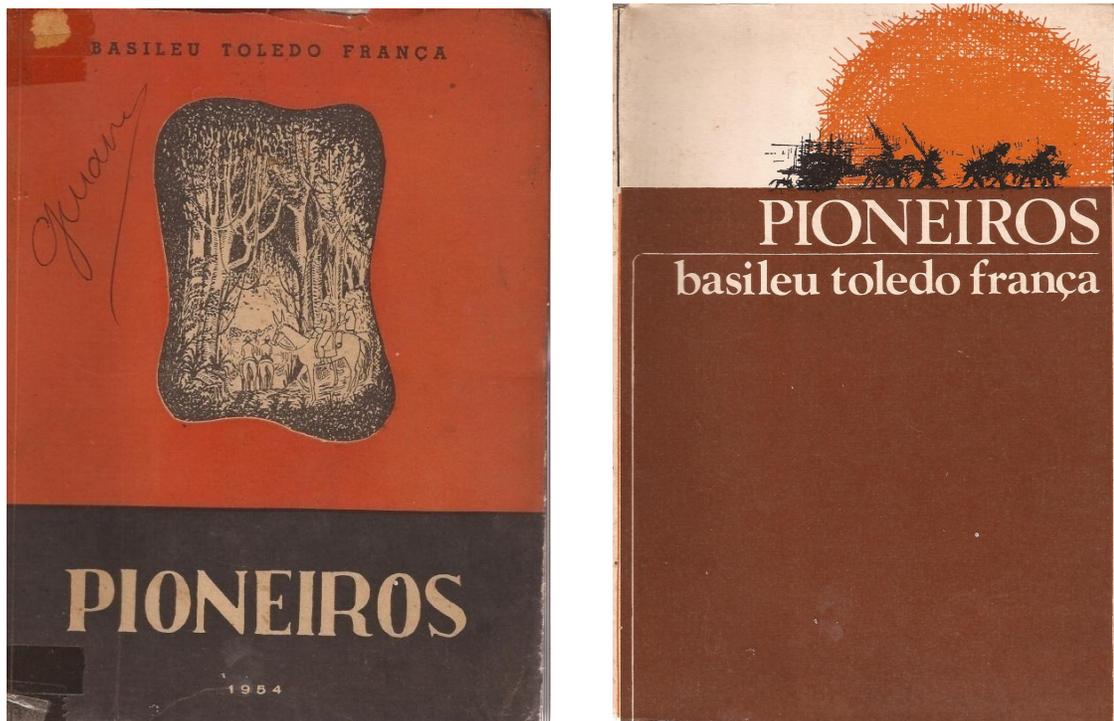


FOTO 74 - Capa das duas edições do livro *Pioneiros*, de Basileu Toledo, uma de 1954, de Antonio Vargas e a segunda, de 1977, de Laerte Araújo.

De Rio Verde, o escritor telúrico e regionalista Sebastião Arantes, publicou o romance *O pranto dos inhambus*, com capa de Maluba⁴⁶, que apresenta um beicudo pachorrontamente atravessando uma pista de asfalto em meio ao cerrado. Esse romance

⁴⁴ Antonio Vargas foi gravurista e pintor de reconhecido mérito nos anos de 1950 e 1960

⁴⁵ Laerte Araújo foi pintor e autor de diversas capas para livros goianos das antigas editoras Cultura Goiana, de Paulo Araújo e Oriente, dos irmãos Oriente, em Goiânia nos anos de 1960 e 1970.

⁴⁶ Maluba foi pintora e escultora, radicada em Rio Verde, autora de diversos trabalhos e capas de livros da antiga editora Cultura Goiana de Paulo Araújo.

tematiza a questão dos financiamentos bancários aos pequenos lavradores. Tem uma linguagem diferente, angustiante e própria. A publicação é do ano de 1980.

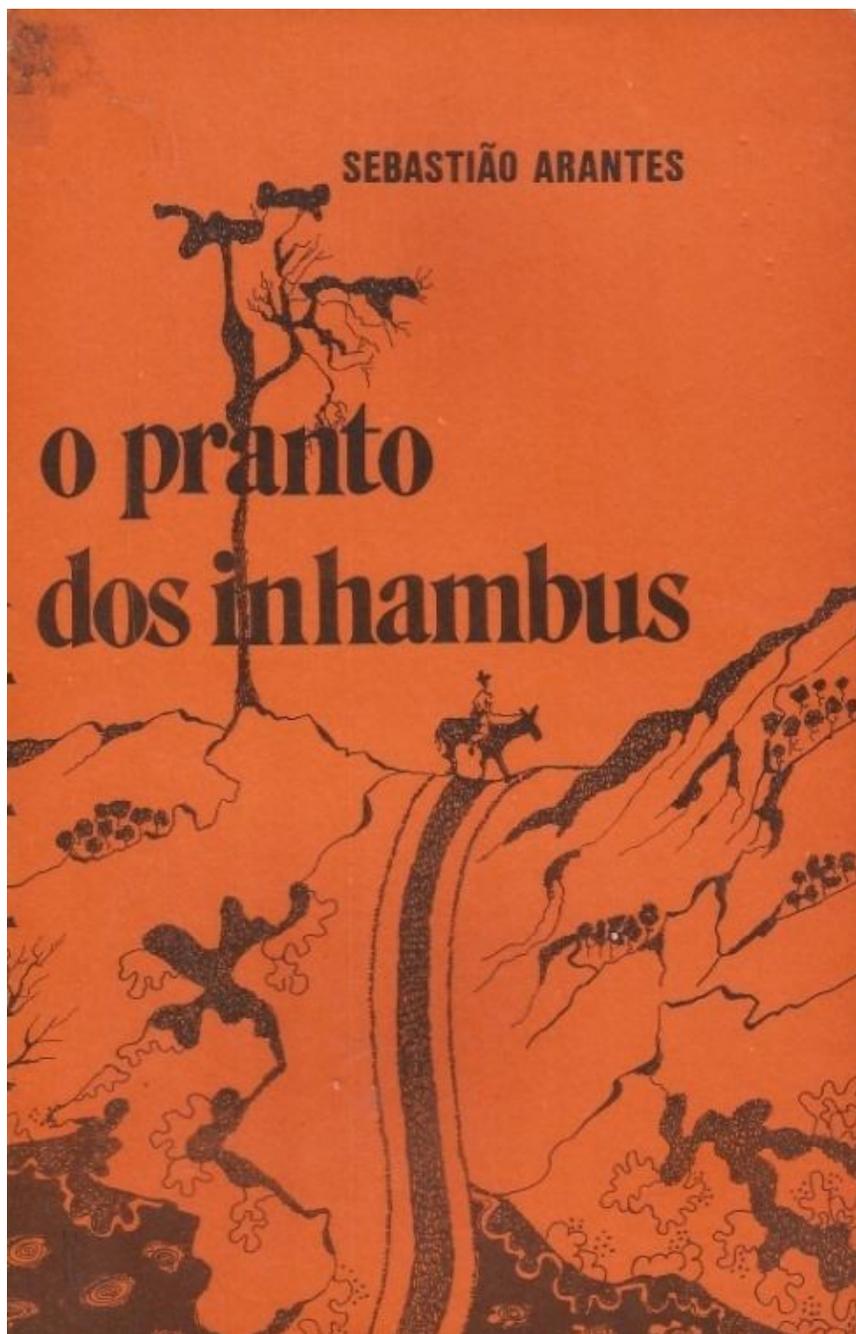


FOTO 75 – Capa de Maluba, 1980, para o livro de Sebastião Arantes.

O intelectual polígrafo, Bariani Ortêncio publicou o romance *Sertão sem fim*, que, na edição da Livraria São José do Rio de Janeiro traz, na capa, desenhada por Hermano⁴⁷, uma mulhinha sendo conduzida por humildes lavradores. É a marca lírica, onírica e telúrica dos beijudos a povoar o imaginário do povo e dos artistas.

No outro livro *Meu tio-avô e o diabo* aparece, na capa de Cida Mendonça,⁴⁸ a figura do cavaleiro já idoso por sobre o cavalo que parece agitado. É um livro de contos regionais que versam sobre as superstições da gente sertaneja em relação ao diabo e no seu compêndio *Cartilha do folclore brasileiro*, aparecem diversas figuras dos beijudos em manifestações populares como folias, romarias e cavallhadas. É o ciclo do beijudo na marca indenitária do povo goiano. A capa desta cartilha é de autoria de Edna Trentini⁴⁹ e Cida Mendonça.



FOTO 76 – Capas dos livros de Bariane Ortêncio em datas e edições diferentes, nos desenhos de Manduca Hermano e Cida Mendonça.

⁴⁷ Manduca Hermano, natural do antigo norte goiano foi pintor e escultor, autor de diversas capas de livros de autores de Goiás como Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, Rosarita Fleury, Bariani Ortêncio e Maximiano da Mata Teixeira. Residiu e faleceu em Brasília.

⁴⁸ Cida Mendonça destacou-se como pintora em vitrais e peças em estilo moderno. Residente em Goiânia foi ilustradora de capa e de contos de Bariani Ortêncio nos anos de 1990.

⁴⁹ Edna Trentini, artista plástica e pintora, residente em Goiânia e ilustradora de obras da poetisa Sônia Maria Ferreira e Bariani Ortêncio.

Sobre a participação dos beijudos em viagens de romaria aparecem as obras de Joaquim Rosa, escritor polêmico e talentoso escreveu o livro *Por esse Goiás afora*, que traz na capa de Edie Esteves Pereira⁵⁰, a figura dos carreiros do Divino Pai Eterno passando defronte da antiga Igreja de São José de Campinas, hoje abandonada em meio ao caos da grande cidade. Retrata os beijudos seguindo lentamente para os festejos da Romaria na cidade próxima.

O teor da presente obra foi a discussão política em torno dos principais acontecimentos do princípio da segunda metade do século XX. Em seguida o romance *Os retirantes*, de Antonio Pimentel, evidencia a saga dos viajantes que buscava Goiás por meio da fé, da devoção e da esperança em dias melhores.

A capa de D. J. Oliveira mostra a saída dos carreiros rumo a Goiás e a obra histórica *Aparecida de Goiânia, do zero ao infinito*, de Freud de Melo, que destaca a evolução política e social da cidade hoje importante no cenário metropolitano da Grande Goiânia, traz na capa feita pela equipe da Asa Editora, a fotografia dos primórdios da romaria ao lugarejo que serviu de passagem de tropeiros e também de cenário para a fé simples do povo sertanejo de outrora, em simbiose com os beijudos.

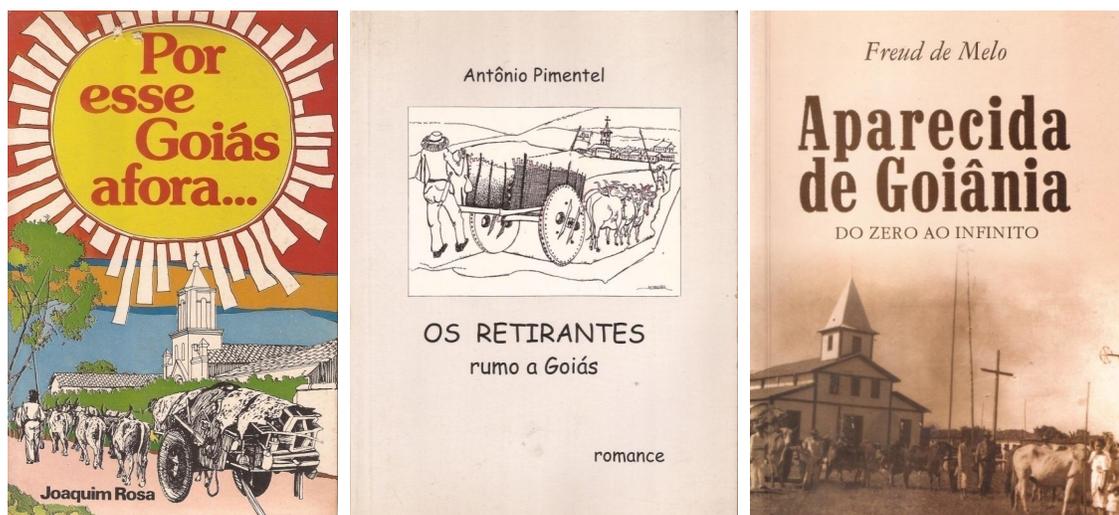


FOTO 77 – Capas dos livros de Joaquim Rosa, Antonio Pimentel e Freud de Melo.

⁵⁰ Edie Esteves Pereira, artista plástica e professora, nome de destaque nas artes plásticas em Goiás, também teve relevância como ilustradora de capas de obras de autores goianos.

Em 1933 Ofélia Sócrates do nascimento Monteiro (1900-1986) publicou o livro *Goyaz, coração do Brasil* destinado às escolas goianas, no ensino de História e Geografia. Em 1981 teve outra edição. Sua capa ostenta o Brasão de Goiás em que, no centro, aparece o beicudo. Esta capa não apresenta autoria, mas reproduz o escudo de Goiás. Este livro, de forma didática, destaca sobre a formação histórica e social do Estado de Goiás.



FOTO 78 – Livro didático adotado nas escolas goianas em 1933, cuja capa mostra os símbolos de Goiás, dentre eles o boi.

A fotografia histórica que evidencia os beicudos arrastando os pesados rolos compressores para o asfaltamento da então nascente Avenida Goiás, em Goiânia, nos tempos heroicos da nova capital, aparece de forma recorrente em diversos livros que versam sobre a formação da cidade.

Em forma de capa, aparecem na obra poética de Geraldo Coelho Vaz, intitulada *Goiânia 69*, num misto de erotismo e história, no trabalho de Geraldo Gomes⁵¹; no livro *A construção de Goiânia e a transferência da capital*, de Nars Fayad Chaul que destaca, em pesquisa abalizada, os primeiros dias da construção da cidade, colocando em evidência o critério de pesquisador e historiador, na concepção de Zé Cesar⁵² e na obra biográfica *A vida de Pedro Ludovico*, de José Mendonça Teles em que o mesmo traça o perfil do fundador de Goiânia. A capa em que aparecem os beijudos, é de Leandro Almeida⁵³.

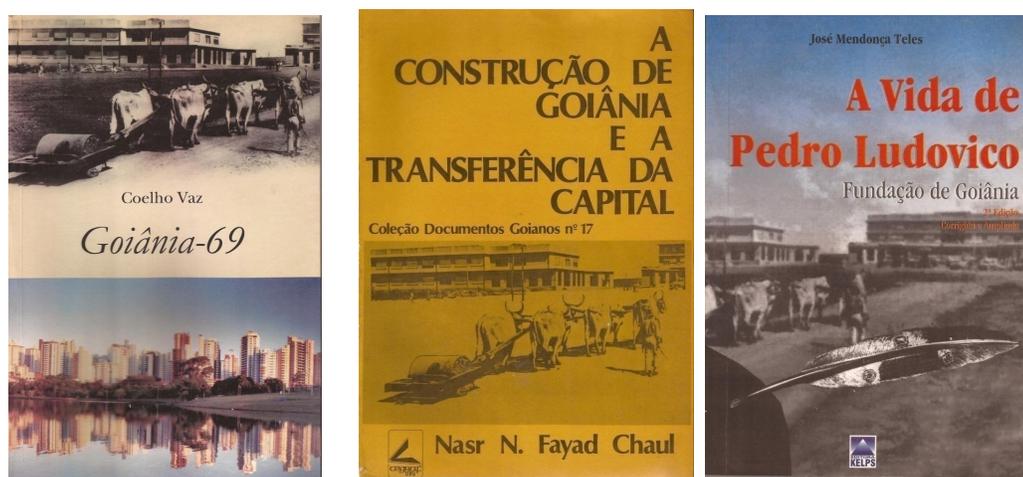


FOTO 79 - Capas dos livros de Geraldo Coelho Vaz, Nars Chaul e José M. Teles

O historiador de Formosa, Olímpio Jacintho escreveu a história da cidade, antigo Arraial de Couros, de grande importância na “idade do couro”, ao ter o ideário dos beijudos gravado na própria denominação. A obra *Esboço histórico de Formosa* faz uma descrição das origens da cidade e sua evolução, notadamente após os anos de 1960, quando do advento de Brasília.

A capa, sem autoria definida, traz a imagem das cabeças de gado em meio ao nascente arraial, ao evidenciar que, por meio do ciclo agropecuário o lugar ganhou desenvolvimento e prosperidade no transcorrer da história.

⁵¹ Geraldo Gomes, ilustrador e gravurista da Editora Kelps em Goiânia.

⁵² Zé César é autor de várias capas de autores goianos também para a Editora Kelps em Goiânia.

⁵³ Leandro Almeida, ilustrador de diferentes obras literárias publicadas pela Editora Kelps em Goiânia.

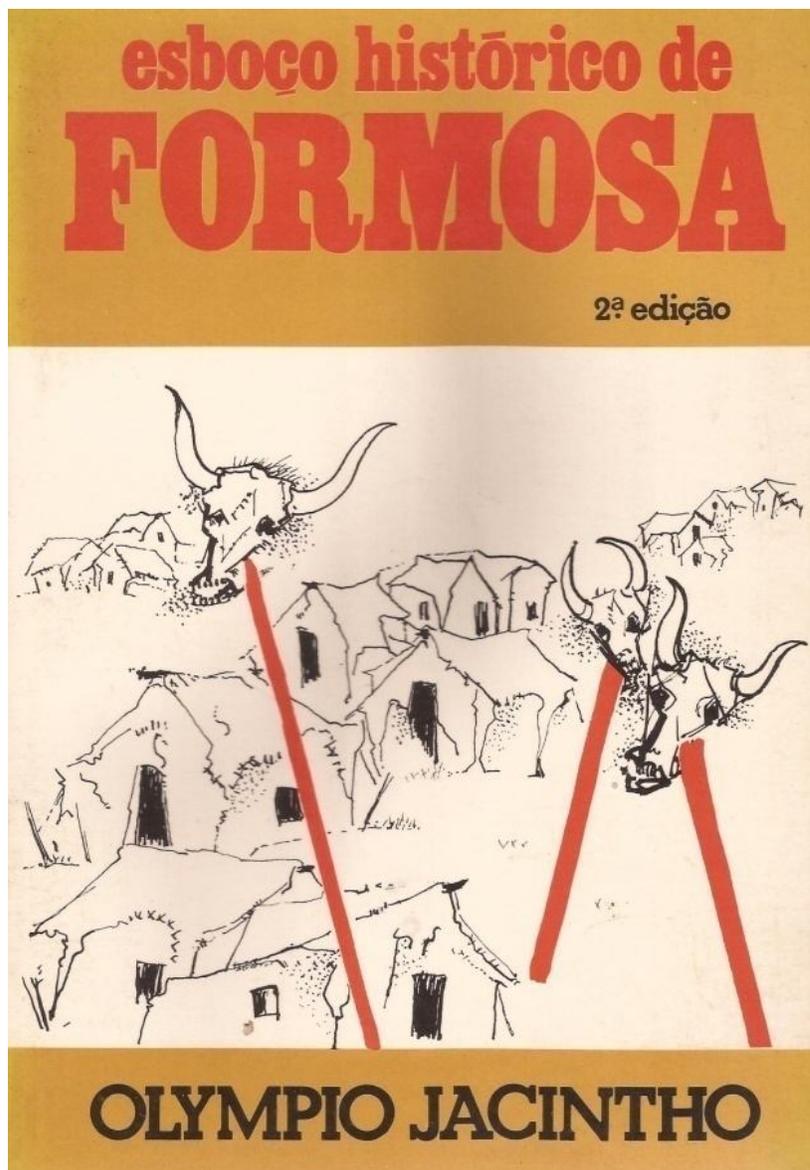


FOTO 80 – Capa em que as cabeças de vaca aparecem simbolizando a origem da cidade.

Em 1929, o escritor goiano Victor de Carvalho Ramos escreveu a obra saudosista intitulada *Mãe-Chi*, publicando-a pela Editora Globo de Porto Alegre. No enredo da mesma, aparecem histórias evocando a Cidade de Goiás no seu tempo de infância, principalmente os folguedos com o irmão Hugo de Carvalho Ramos.

Na capa aparece um cavaleiro seguindo a estrada e olhado atrás, a se recordar os tempos ali vividos. Mais uma vez os beijudos aparecem no cenário sentimental e literário, de uma fase importante na história individual e coletiva de nosso país.

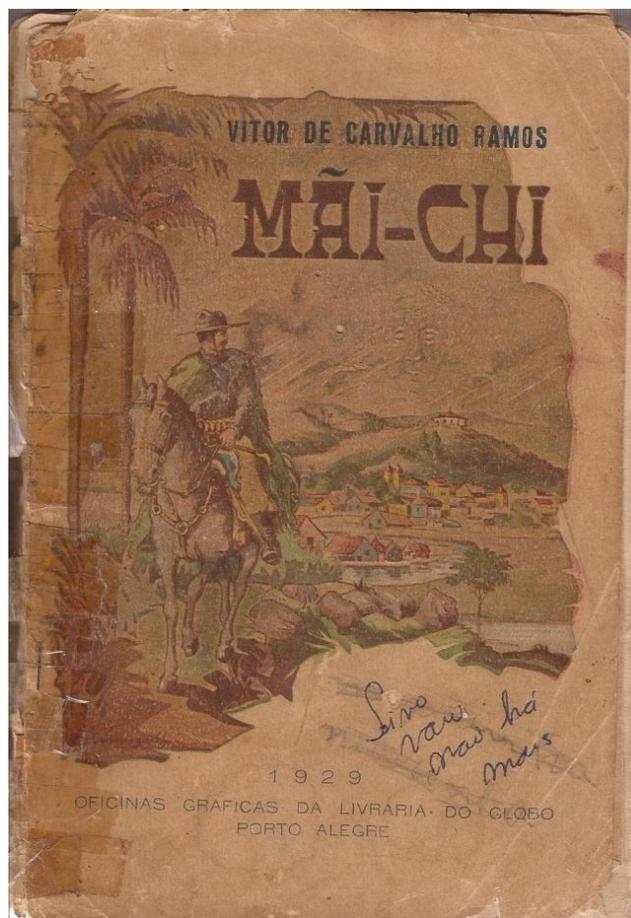


FOTO 81 – Capa do livro de Victor de Carvalho Ramos feita em Porto Alegre.

A figura dos burrinhos tropeiros aparece em diversas obras de autores goianos, destacando-se as capas dos livros: *Diário de tropeiro*, publicado em 1999, de Geraldo Coelho Vaz, autoria de Antonio Poteiro⁵⁴, em que coloca em evidência, de forma lírica em versos telúricos, a saga dos beijudos em Goiás.

Na obra *Cidade Mãe*, publicada em 1983, de autoria de Octo Marques, em casos e contos sobre a antiga Vila Boa, a capa é também de autoria do autor, o pintor que mais evidenciou os beijudos em nosso Estado. Mostra um burrinho cargueiro descendo a rua da Cambaúba na Cidade de Goiás e na obra *História de Anápolis*, de Humberto Crispim Borges, publicada em 1974, livro que registra a saga da antiga vila de Santana das Antas, a capa de Laerte de Araújo evidencia a lenda em que um burrinho cargueiro, no local onde hoje é a

⁵⁴ Antonio Poteiro é natural de Portugal, artista autodidata, ceramista e pintor. É reconhecido internacionalmente pelo seu talento. Faleceu em Goiânia.

matriz de Anápolis, empacou e dali não saiu porque “queria” fosse, naquele local, erguida uma igreja para devoção de Santana. Ao que se percebe, os beíquidos influenciaram, inclusive, a construção de cidades.

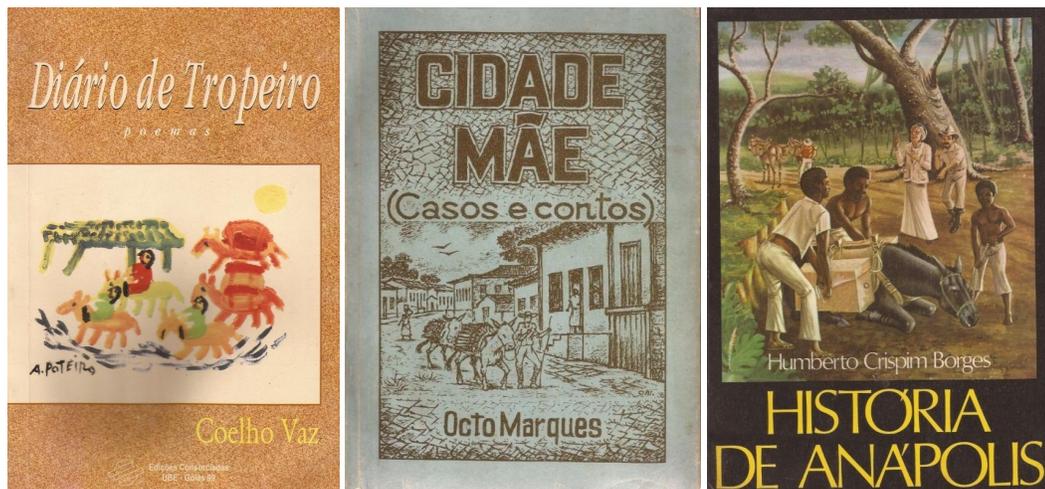


FOTO 82 - Três autores diferentes com capas que evocam a saga beíquida em Goiás.

No ciclo das boiadas, aparecem capas magistrais, como o livro de versos magistrais de Leo Godoy Otero intitulado *O caminho das boiadas*, de 1979, com uma evocativa capa, de autoria do reconhecido pintor brasileiro Poty⁵⁵, publicado pela histórica Livraria José Olympio e Editora do Rio de Janeiro.

Também o livro símbolo dos beíquidos em nosso Estado, o ícone *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, publicado em 1917 e que foi o marco decisivo da literatura regional em Goiás, com contos de grande beleza e ênfase ao ciclo agropecuário goiano. Nessa capa, feita por Luís Jardim⁵⁶, é um dos marcos editoriais do País, pela Editora José Olympio no Rio de Janeiro.

O livro de crônicas “*À sombra do ipê*”, de Juarez Moreira Filho, publicado em 1999, traz uma capa de singular beleza, em que mostra uma boiada chegando a uma antiga casa de

⁵⁵ Poty foi um dos maiores nomes da pintura e da ilustração literária no Brasil no século XX, notadamente junto à Editora José Olympio no Rio de Janeiro. Seus traços estiveram presentes nas grandes obras dos maiores autores da literatura feita no Brasil.

⁵⁶ Luís Jardim, escritor e ilustrador, pesquisador e grande intelectual brasileiro. Também esteve envolvido no especial momento literário do Brasil junto à Editora José Olympio no Rio de Janeiro. Dedicou-se ainda à Literatura infantil com destaque à obra *O boi aruá*, também do ciclo beíquido.

fazenda no velho norte goiano num dia de sol. Sem sombra de dúvida, o legado beijudo se derrama em tintas e pincéis de forma singular no ideário nostálgico do goiano.



FOTO 83 – Obras que ostentam em suas capas a saga dos animais de custeio, os beijudos.

Ciclo dos viajantes, aparecem também capas dignas de nota. No livro *Viagem à terra goyanas*, de autoria de Oscar Leal, em sua edição pela UFG, do ano de 1977, aparece a capa de Gilberto Alves Marinho, que mostra os viajantes na região dos pireneus na antiga Meia Ponte. O livro é um resgate da viagem feita pelo pesquisador em 1890 no então nascente Estado de Goiás.

No romance *O comissário*, de Guy Cavalcanti, publicado em 2001, aparece a capa de Marcos Lisita Rotoli,⁵⁷ que evidencia um viajante comissário tocando um berrante. Essa obra resgata o ciclo desses profissionais que atuaram fortemente nos sertões brasileiros e a obra *Terras bárbaras*, de 1980, de Francisco de Britto, coletânea de contos regionais, cuja temática é a solidão, os desacertos, as injustiças sociais vividas pelo sertanejo, apresenta uma capa de Ceci Curado⁵⁸, em que o beijudo se destaca como única opção de transporte naqueles tempos de Goyaz com y e z.

⁵⁷ Marcos Lisita Rotoli é design gráfico e ilustrador, residente em Goiânia.

⁵⁸ Ceci Curado é pintora, formada em Artes Visuais e professora da Faculdade de Artes Visuais da UFG, ilustradora de diferentes autores como Rosarita Fleury, Ada Ciocci Curado e Francisco de Britto.



FOTO 84 – Capas dos livros de Oscar leal, Guy Cavalcanti e Francisco de Britto.

Na temática do jaguncismo e da força pública de Goiás, nos entrechoques da violência do passado, utilizando o beicudo como meio de transporte para fuga e também para perseguição, as capas da obra *Um ser humano enfrenta o destino*, publicada em 1997, da romancista vilaboense Edla Pacheco Saad (1918-1997) que, numa tetralogia, destacou a saga da força pública de Goiás na figura de um simples soldado. Na capa, mostra a saída da tropa da força pública da Cidade de Goiás para o interior goiano.

No romance *Serra dos pilões*, de Moura Lima, publicado em 1980, mostra a violência que grassava nos sertões goianos por época dos jagunços e tropeiros. A capa evidencia os beicudos utilizados para a fuga e no livro de contos *Quebra cangalha*, de Lázaro Faleiro, aparecem as histórias dos tempos das perseguições e truculências no interior, insufladas pelos perseguições e injustiças. A capa mostra o beicudo usado também para as tocaias aos infelizes perseguidos. O mesmo tema se apresenta no livro *Peonagem e cabroeira* de Braz Coelho.

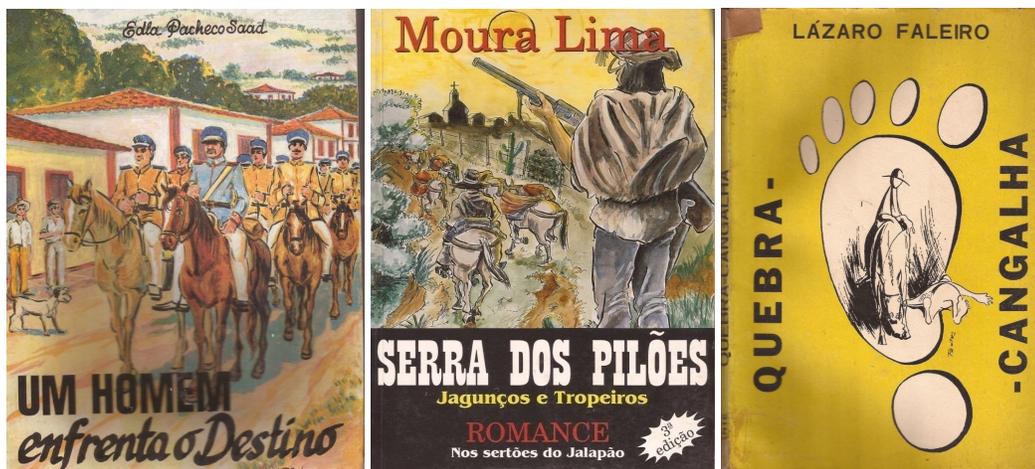


FOTO 85 - Capas dos livros de Edla Pacheco Saad, Moura Lima e Lázaro Faleiro.

No que concerne aos carros de bois e na lida carreira pelos sertões, as obras *Papa ceia*, de Regina Lacerda (1919-1992), com capa de Frei Confaloni⁵⁹ mostrando o trabalho na estrada, traz notícias e informações sobre o folclore goiano.

Em *Veranico de janeiro*, livro de contos de Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, em sua edição pela Livraria José Olympio e Editora, no ano de 1978, traz a capa também de Poty, colocando em evidência, em grande beleza, a figura de um carro de boi seguindo em meio à escuridão do tempo e o livro de memórias *Rancho Alegre*, de Juarez Moreira Filho, com evocações ao passado rural goiano, traz a capa ostentando um carro de boi seguindo na perspectiva de um dia iluminado. A obra é de 1988.

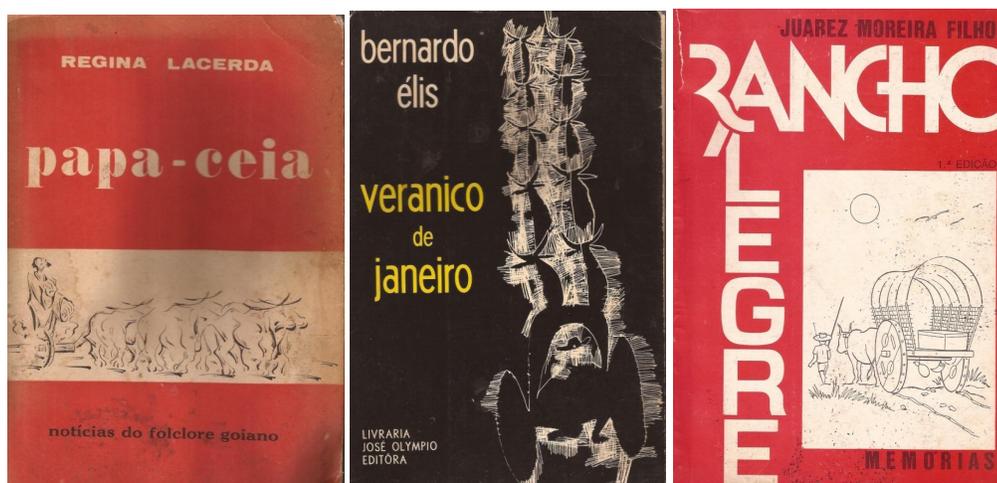


FOTO 86 – Capas dos livros de Regina Lacerda, Bernardo É. F. de Campos Curado e Juarez M. Filho.

⁵⁹ Frei Nazareno Confaloni, italiano, foi um dos marcos das artes plásticas em Goiás no século XX. Pintou vitrais e afrescos na Cidade de Goiás e em Goiânia e ilustrou diferentes obras de autores regionais.

Na lida com os beijudos, certas capas são emblemáticas como do livro histórico *Aragoiânia, uma síntese histórica*, de Waldivino Ferreira da Silva em que o mesmo traça um perfil da cidade que nasceu de um “malhador” de gado, razão da capa que mostra os beijudos descansando num local específico, à sombra das árvores. Na obra histórica de Ubirajara Galli, *A história da pecuária em Goiás*, em que estuda a formação da então alcunhada “idade do couro” aparece à capa que demonstra o trabalho dos carreiros na saga da construção de Goiânia, carreando materiais de construção para a edificação dos primeiros prédios públicos.

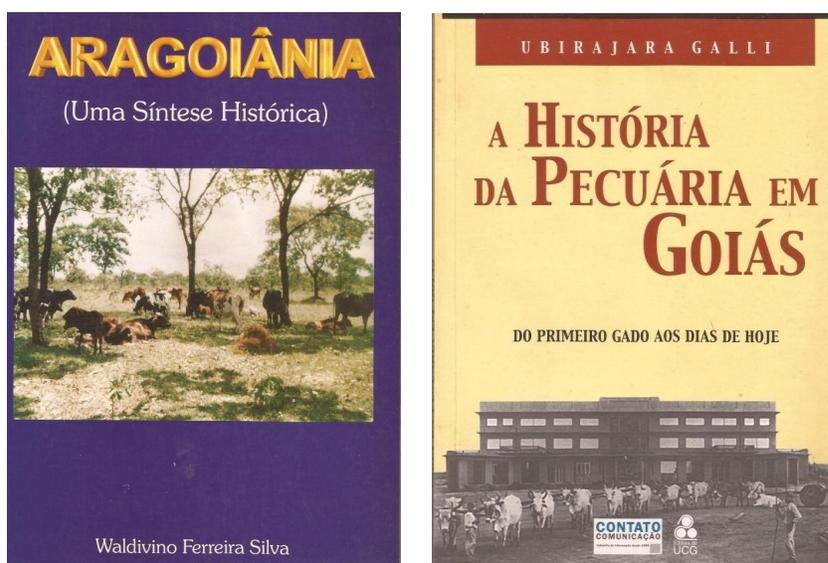


FOTO 87 – Capas com temáticas sobre os animais de custeio e os bois. Força telúrica.

Os beijudos como figuras do imaginário estão presentes nas obras *Os cavalinhos de platiplanto*, do goiano José J. Veiga, de 1983, em contos do imaginário e do fantástico, o que se percebe na capa, num cavalo feito de nuvens, etéreo e espiritualizado.

Em *Sombras em marcha*, romance histórico de Rosarita Fleury (1913-1993) publicado em 1983, marca o ciclo da formação social goiana, na capa de Ellen Carneiro Valle⁶⁰ aparecem os beijudos envolvidos num ambiente de sonho e imaginário e em *O garanhão das praias*, romance de José Mauro de Vasconcelos, publicado em 1975, no cenário

⁶⁰ Ellen Carneiro Valle, natural de Morrinhos é pintora e ilustradora de diferentes obras de autores goianos. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

do Araguaia com seus índios e seus mistérios, a capa de Jayme Cortez⁶¹ demonstra o misticismo do ambiente e a mata sombria plena de mistérios em meio aos beijudos.

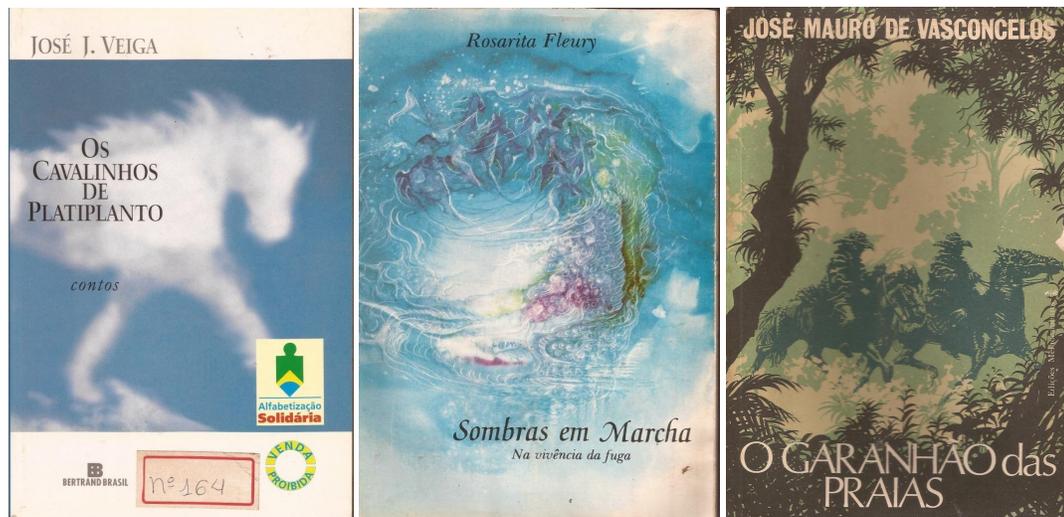


FOTO 88 – Literatura Capas dos livros de José J. Veiga, Rosarita Fleury e José Mauro de Vasconcelos.

No que concerne à formação histórica goiana, as obras *Nos tempos de frei Germano*, do jornalista Jaime Câmara evoca os momentos decisivos do período que antecedeu a mudança da capital para Goiânia e na capa mostra a rua da cambaúba em Goiás, com a figura do famoso dominicano, a rotina da cidade e um cavaleiro descendo a rua calmamente como nos velhos tempos.

Já na obra genealógica *Família Crispim de Souza*, publicada em 1987, de autoria de José Sizenando Jayme em que traça o perfil de origem dessa família em Goiás, traz na capa de autoria da também escritora Haydè Jayme Ferreira⁶² a cena da preação dos índios, utilizando o cavalo, daí o termo “índio pego a laço” e o livro histórico *As fabulosas águas quentes de Caldas Novas*, publicado em 1977, coletânea de diferentes autores que destacaram o surgimento da cidade, com capa ostentando o desenho feito por Taunay, da cena da descoberta das águas termais por Martinho Coleho, seu cavalo e seus cachorros. Ao que se vê, os beijudos dominavam o cenário.

⁶¹ Jayme Cortez é pintor de reconhecimento nacional, ilustrador de todas as obras de José Mauro de Vasconcelos e para outros autores da Editora Melhoramentos em São Paulo.

⁶² Haydée Jayme Ferreira, natural de Anápolis, foi historiadora, contista, poeta e pintora. Publicou os livros Anápolis, sua história e sua gente e Fogo no bambual.

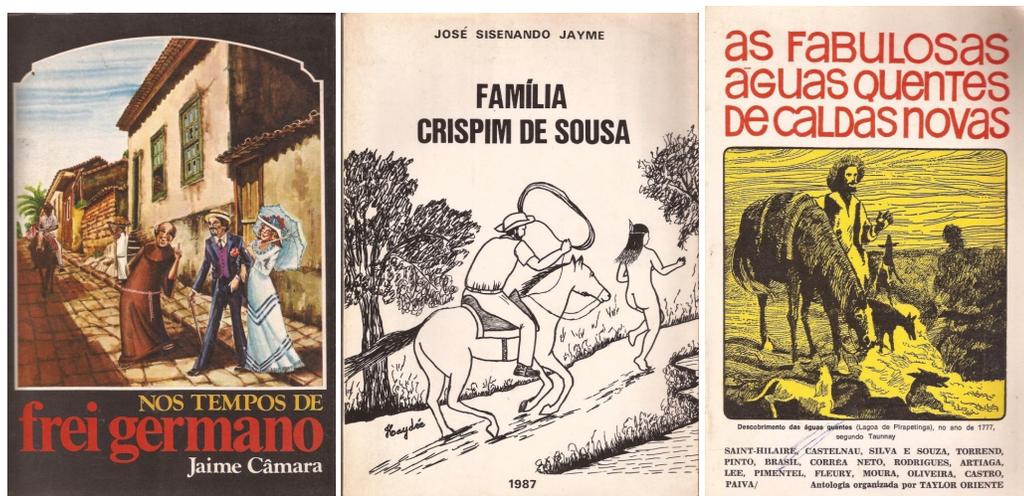


FOTO 89 – Capas dos livros de Jaime Câmara, José Sizenando Jayme e Antologia de Caldas Novas.

4.1 Páginas derramadas de encantamento: os beijudos no lirismo ao correr da pena

Na literatura feita em Goiás os beijudos sempre tiveram espaço primordial, haja vista que o cerne de nossas páginas literárias é o regionalismo. Tanto em prosa quanto em verso foram evidenciados na faina diária de construir os alicerces de nossa economia e de nossa sociedade. Algumas produções se eternizaram e merecem ser revistas nessa busca pela revivescência do legado dos beijudos que permanecem no ideário dos goianos.

Oscar Leal em seu livro *Viagem às terras goyanas*, publicado na cidade de Lisboa em 1890, destaca sobre o uso dos animais na viagem de Uberaba para a Cidade de Goiás. Destaca as dificuldades de quem deixava uma cidade já bem civilizada, como ponto final da estrada de ferro e as peripécias iniciais do enfrentamento do transporte beijudo em pleno sertão, para alguém vindo de tão distante civilização.

O que mais me custara em Uberaba foi arranjar bons animais e o cavalo de minha sela era tão ardego e inquieto que logo adiante da cidade me cuspiu fora do selim. (...) Fazia quase quatro anos que não montava a cavalo e o pouco caso que fazia das rédeas deu lugar a recordar-me das antigas quedas, nas quais sofri jamais outra coisa além de pequenas contusões. – Veremos como se porta daqui em diante o Pantaleão, dia crismando meu bucéfalo. (LEAL, 1982, p. 13).

Em seu romance *Morena*, a escritora Ada Ciocci Curado (1916-1997) descreve em líricas cenas, a trajetória de uma comitiva arranchada na fazenda do Varjão e a saída da

mesma, na labuta dos peões. Era um momento de muita responsabilidade para encontrar a segurança nos caminhos que adiante se abriam, na perspectiva do desconhecido.

A comitiva arranchara no Buritizal. Dali ao Varjão tem três léguas de marcha! A passarada ficou fazendo aquele barulhão gostoso, mais agitada pelos ladridos dos cães, pelos berrantes e pela estropeada que partia. Luís Otávio, montando fogosa égua, ia e vinha, no meio dos cargueiros, dizendo com voz enérgica aos guias: - Eia, João! Aveia esse animal! José aperta a barrigueira do burro! Joaquim, a bruaca está solta, acocha as correias! Ouvia-se, de mistura com os tropéis, a voz cantada dos homens: - Eia Brioso... Vamo Pintado! (CURADO, 1954, p.9)

Licardino de Oliveira Ney em sua biografia intitulada *Um lutador*, em que narra sua trajetória desde Minas Gerais até os dias prósperos da fundação de Goiânia, narra com muita propriedade a saga dos beçudos na região de Trindade e Campinas. Narra a difícil condução de porcos a pé de Trindade até Jataí, numa saga de vários dias. Era o que se chamava de “tocador de porcos”, negócio difícil, mas rentável.

Partimos em seguida, levado a porcada a pé, com auxílio de peões. Fiquei encarregado do cargueiro da cozinha. A comida constava de arroz, feijão e carne seca. Meu pai foi a cavalo guiando os bichos e os peões tocando. A primeira partida de vinte suínos foi vendida na cidade de Jataí ao senhor David Caçuada com a faculdade para o comprador escolher os melhores, ou seja, a cabeceira a trinta mil réis cada; os demais foram vendidos na serra do cafezal, além de Jataí e de onde se avistava Mato Grosso. (NEY, 1975, p. 15).

No livro *Tempo de ontem*, da filóloga e crítica literária Nelly Alves de Almeida (1916-1999) narra também a saga dos beçudos com ênfase no trabalho do carreiro, profissão muito respeitada na época pelos roceiros em geral, devido a sua responsabilidade na condução de pessoas e produtos rurais. Na narrativa lírica e sentimental da memorialista, há cadência e sinceridade na contemplação de um mundo da paisagem pretérita.

Fosque era o carreiro da fazenda. Tinha devotamento pela profissão e caprichava na cantiga dos carros, fazendo-os gemer em toada melancólica que enchia as tardes de nostalgia romântica. Cuidava dos bois que o ajudavam na profissão e dava-lhes nomes pitorescos: Praiano, Mimoso, Valente, Chitado... Era o encarregado com o Felizardo, do transporte de sal para o gado e de arame para a feitura de cercas dos currais e pastos. Buscavam-nos em Roncador, ponto terminal da linha férrea. Levavam mais e mês na viagem. (ALMEIDA, 1973, p. 190)

O escritor Basileu Toledo França em seu livro *Pioneiros* destaca a saga dos fundadores da cidade de Jataí e narra, com singular poesia e tons líricos, a passagem da tropa com toda a sua movimentação, tanto de animais como de homens na labuta, no trabalho em meio às dificuldades da época.

Escanchados em lombo de animal, ao sol da tarde, viajam dois homens cobertos de poeira. A terra tingiu-lhes a roupa grossa de vaqueiros, depositou-se nos chapelões de palha, e, como nódoa avermelhada, aparece sobre os arreios e o pelame das montarias. Atrás vem os cargueiros morosos e uma trela de burros em pelo, tocados por dois peões. Povia a solidão o badalar monótono do cincerro, que uma ou outra vez silencia, ao estacar madrinha para comer folhas tenras do campo. Latem cães ao longe, perseguindo em correia a seriema que há pouco assobiava a escala melódica do seu canto. (FRANÇA, 1954, p. 43).

Na obra *Causos goianos*, o escritor Leão Sobrinho coloca em evidência o papel exercido pelas firmas comerciais que operavam no território goiano e as tropas que possuíam e que cruzavam este longínquo sertão. Destaca a concorrência, os tipos de animais para diferenciar as propriedades, o cotidiano do trabalho e o importante trabalho da madrinha da tropa, anunciadora da chegada em povoados, arraiais e cidades.

As principais firmas que negociavam em Goiás eram: Costa Pacheco, Mendes Campos, Barros e Cia, Martins Costa, Arruda Silva, Gomes de Castro, e Cia, José Silva e Cia. Cada qual possuía seu lote de animais, de cores diferentes, de modo a não se parecer com a tropa dos outros concorrentes. A Gomes de Castro tinha tropa pelo de rato; a de Martins Costa, tropa ruça; a Arruda Silva, amarela. Variavam entre oito e doze animais, sem contar os de montaria do viajante e de seu arrieiro. Geralmente se entendia por lote de dez ou doze muares. Ao se aproximar de cidade ou de povoado, era a comitiva identificada pela “madrinha” da tropa ou seu condutor. Madrinha da tropa era geralmente um cavalo piquira bonitinho, às vezes de cor pampa, ou uma égua maninha, bem ensinada. Seu bucal, sua cabeçada era encimada por um cocar ou penacho colorido, vistoso peitoril cheio de guizos, geralmente iguais aqueles utilizados pelos bobos da corte. Ai do animal que tentasse ultrapassar madrinha! Se escapasse dos coices do guia, era sem piedade açoitado com a pinhola pelo tocador, que desfiava, na ocasião, um rosário de impropérios impublicáveis. (SOBRINHO, 1982, p. 65).

O escritor Mário Rizério Leite em seu livro *Poeira no ar*, destaca o trabalho da liderança do tropeiro no trato com seus peões para impor superioridade e respeito. Cabia-lhe a organização da tropa e a direção dos serviços impostos a cada peão. Nota-se no personagem, a

vaidade em comandar e a importância dada a si mesmo naquela extinta escala social em pleno sertão de Goiás.

A cavalhada se aprestava para uma longa viagem. Era grande o reboliço. O barulho dos chocalhos se misturava ao ruído característico dos animais a triturar o milho da ração. Nogueira se mostrava incansável dando ordens a um grupo que ia e vinha, pondo uma carga ou consertando outra. - Ê Zé! Essa cangaia é de ôto burro home! Tu tá bebo Mané? Antonce num vê qui essa mula num se dá bem com esse arreoio? Tira o borná do madrinheiro, Chico, o mio já acabo e ele tá cumeno vento. Êta gente qui num sabe fazê nada sem eu. (LEITE, 1985, p. 12)

O romance *Tempos idos*, de Alaciel do Prado foi publicado ainda nos anos de 1940. Nele, de forma precisa, o autor descreve algumas cenas ligadas à saga dos beijudos em nosso Estado. Narra principalmente o precário estado das estradas goianas no tempo das águas e a judiação em que os bois venciam esses lamaçais, em esforço desumano, mas que venceram esses percalços; muitos pagando com o preço da própria vida, morrendo em pleno trabalho pelo extenuante esforço.

O município de Rio Grande não tinha estrada de ferro e nem de automóveis. Seu único veículo era o pesado e lento carro de boi, suprido pelos animais de carga e de sela, e suas únicas vias de comunicação, estadas mal trafegadas por esses carros, retalhando o território municipal e constituindo o rudimentar aparelho circulatório que estabelecia o contato mútuo de todas as suas partes. Eram estradas com dois sulcos paralelos em quase toda a sua extensão, cavados pelas enxurradas e pelo perpassar das rodas chapeadas ou de peão. Os dois sulcos formavam um facão que os separava, tornando sobremodo penoso o esforço de tração dos bois de carro e sobre o qual caminhavam os pedestres e os animais de carga e de sela. Os bois de carro não encontravam então apoio, resvalavam nesses sulcos lisos, caíam a cada passo, arquejantes, pescoço esticado, olhos desvairados, jarretes trêmulos, língua pendente a escorrer baba. (PRADO, 1963, p. 5).

Carmo Bernardes (1915-1996), nosso grande regionalista, em seu romance *Jurubatuba*, narra sobre o carretão de carrear toras, uma das variantes dos serviços também executados pelos beijudos. Destaca a labuta extenuante de encarretar uma enorme tora no carretão puxado por bois. Eram toneladas a serem amarradas no carretão; o que exigia paciência, perícia, comando e cuidado, já que o principal problema era fazer os bois ficarem parados enquanto a tora ia sendo empurrada para dentro do carretão, em razão do peso descomunal.

Já quase saindo na divisa da mata com o campo ajudei um carreiro encarretar uma tora no carretão. Os bois treitavam, e ele xingando muito e perdendo a paciência com o candeeiro, e aí é que fui perceber o tanto que os terrenos ali eram

espraguejados de erva braba, justamente essa erva-café, folha ressecada que mata até os cachorros que comem a criação ervada. A labuta de encarretar a tora dando muito o que suar, agravo de um boi da junta de bois de guia, de tanto esfregar nos paus, tinha esbagaçado o jacazinho que, conforme o sistema do lugar, usavam botar no focinho da boiada a fim de evitar erva. O carreiro se viu em circunstância de ser obrigado a amarrar esse boi com a testa unida num toco e a junta ficou no lugar da-guia não obedecia ao candeeiro. (BERNARDES, 1974, p. 21).

Leo Lynce em sua produção em coletânea organizada por José Cruciano de Araújo sob a denominação *Prosa quase completa*, destaca que a lida com os beçudos não era somente para homens brancos ou analfabetos. Muitos líderes políticos e magistrados também apreciavam o trabalho com os animais. Relata em sua crônica sobre a austera figura de Antonio Ramos Caiado, o ser humano mais importante da política goiana na República Velha que, além de prócer político, metia-se a laçar os bois e cavalos bravos de sua fazenda Tesouras.

Do mesmo modo o outro Presidente de Estado, Xavier de Almeida, que era vaqueiro afamado em suas terras no município de Morrinhos.

Exemplo ilustre temos na pessoa do chefe supremo da política de Goiás. O Senador Caiado tem sido, em todos os tempos, injusta e impiedosamente satirizado pelo fato de afrontar, sobranceiro, os gerais carrascos, em perseguições às brabezas, das tesouras. E nem por isso é menos o seu aprumo ou menos distintas as suas maneiras, quando lhe é precioso descalçar as polainas e vestir as luvas de Senador da República e empunhar o báculo de condutor de um rebanho humano, em meio ao qual não raro surge cada brabeza de se lhe tirar o chapéu. Xavier de Almeida, gentleman e político finíssimo, desfruta igualmente a fama, não sei se justa, de vaqueiro excelso. (LYNCE, 2001, p. 242).

Numa página antiga, ainda do século XIX, a descrição poética de Bernardo Guimarães, imortal autor de *A escrava Isaura*, sobre os pesados carros de bois nos sertões de Goiás. Descreve e pincela tons líricos aos comparar o carro com o próprio ambiente doméstico, arremedo de um lar. Esse ilustre escritor brasileiro foi Juiz de Direito em Catalão e muito descreveu nossas paragens, de forma romântica e evocativa, em seu romance *O ermitão de Muquém*:

Os carros puxados a bois com eixo móvel pesados e vagarosos, são, por certo, grosseiros veículos, que denunciam o atraso dos meios de condução no interior do nosso País. Mas talvez por isso mesmo que revelam a infância da indústria da viação, tem não sei o que de primitivo e poético, que eleva a imaginação. Eu nunca pude ver sem o singular e indizível sentimento de melancolia essas grandes e

pesadas máquinas cobertas de couro, arrastadas vagorosamente por vinte ou mais bois, quebrando o seu chiar, agudo e monótono como o canto da cigarra, o silêncio das solidões, atravessando os desertos em lentas e peníveis jornadas. São casas ambulantes que muitas vezes vão transportando para grandes distâncias famílias emigrantes com todos os haveres, seus móveis, animais e aves domésticas. Logo que o sol descamba do meio dia, fazem alto à beira de qualquer córrego, onde haja abundante pastagem, desjungem os bois e aí estabelecem durante a metade do dia e durante a noite uma cômoda e agradável vivenda, qual se continuassem como sempre sua vida simples e uniforme. O rio lhes fornece água fresca e por vezes peixe abundante e saboroso; no mato acham mel, a caça e o palmito; a criança embala-se em seu berço à sombra do carro; em roda desse, mugem as reses, vagueiam aves caseiras, e eina movimento, ruído e alegria, como no lar doméstico. (GUIMARÃES, 1988, p.184)

Em seu livro de contos *Veranico de janeiro*, um dos clássicos da literatura feita em Goiás, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado narra, com muita propriedade, a labuta com os beçudos, a onomatopeia do cantar do carro, as doenças próprias daqueles que lidavam com os beçudos em pleno sertão, no caso a maleita, além da vida de privações dos peões no trabalho sem o menor valor pecuniário.

Narra ainda sobre o carro condutor de defunto, coisa em voga na época, já que muitos morriam “de repente” na roça e tinham que ser transportados de carro de bois para a cidade, daí a expressão “carro de defunto”.

Oxém, a mó que é carro de defunto! – proferiu o baiano Zé Roxinho entremeio uma gaitada na porta da vendola. Liduvino saiu com a cabeça de palha nua na mão, o canivete na outra, e firmou as vistas;; na entrada da rua vinha vindo um carro de bois numa toada manca. Ringia fininho, rodava surdoso, rangia fanhoso e retomava, com pausa, o gunhcho fininho: “I-im a-ão i-im a-ão. – Que carro mais destrangolado, meu Bão Jesus da Lapa – fungava de riso o vendeiro. Liduvino, porém, olhava quieto e sisudo, como se fato o finado estivesse presente e fosse defunto de muito preceito. No fundo, ele esaprovava aquela falta de respeito do baiano, por isso engrolou alguma coisa e guspiu um guspo grosso. (CURADO, 1974, p.5).

Bariane Ortêncio sem seu livro de contos regionais *Meu tio-avô e o diabo* narra sobre o papel dos caixeiros viajantes em meio às comunidades perdidas no alto sertão. Era ele, com suas tralhas e seus beçudos, aquele que trazia notícias de mundos ignotos, jamais conhecidos, inclusive de novidades sobre o sexo feminino:

Os caixeiros viajantes enchiam o balcão de amostras para a escolha de compras. Ela ajudava. Depois se retirava para os afazeres que se atrasavam. As amostras escolhidas, o pedido feito, contas acertadas, punham-se, viajante e comerciante, a conversar assuntos vários com prioridade, os de mulheres, das predileções dele.

Entusiasmado, pegava garrafas de cerveja da prateleira e iam deliciando-as com o assunto entrecortado de goles entre espuma do líquido saboroso e morno. Nunca conhecera os grandes centros comerciais. São Paulo e Rio, lá de baixo, como diziam e ficava maravilhado com as narrativas, as gesticulações do vendedor. Aquelas mulheres – dizia o caixeiro viajante – vinham diretamente de Paris, que ficava na França, na longínqua Europa. Faziam carícias que nem havia jeito de explicar. (ORTÊNCIO, 1986, p. 41).

Também quanto aos afazeres relacionados aos beijudos, cabia às crianças a tarefa de buscá-los nos pastos. Muitas crianças eram espancadas por motivos fúteis, em que os adultos cevavam o seu masoquismo, nas incoerências e impunidades do passado, como escreveu Cora Coralina sem seus poemas. Sobre essa conduta social e no recinto doméstico escreveu José J. Veiga em seu livro *Cavalinhos de platiplanto*:

Zoaldo não deixava mais Cedil descansar. Vivia mandando o coitado na rua fazer isso ou aquilo, levar e buscar cavalo no pasto, e volta e meia enfiava o couro nele. Dizia que era para desasnar. No dia em que o cavalo fugiu, Cedil apanhou demais mesmo. Ele tinha ido cedinho no pasto e só voltou depois do almoço – e de mão abanando. Contou que o cavalo tinha se amadrinhado com a égua de um tropeiro e destampado com ela pelo morro acima, não deixava chegar perto. Zoaldo sapateou de raiva, disse que era má vontade de Cedil pra atrapalhar o ganhame que ia ter na viagem com o agrimensor. Tomou o cabresto da mão de cedil e com ele mesmo foi batendo sem olhar lugar. Cedil correu pedindo o socorro da mãe, Zoaldo atrás dando cabrestada. (VEIGA, 1987, p. 13).

Outro serviço que utilizava o transporte beijudo em longa escala era os correios e telégrafos. Toda a correspondência no sertão era carregada em lombos de animais. Octo Marques em seu livro *Cidade mãe destaca* sobre essa passagem na Cidade de Goiás, mais precisamente no povoado de Areias, hoje desaparecido.

Ainda em Areias, quando eu era menino, um antigo estafeta dos Correios e Telégrafos, chamado Martiniano, sujeito completamente iletrado, embora antecioso e prestativo costumava pernoitar em nossa casa. Ele vivia de conduzir, no lombo de um burro, as malas postais de Goiás para a Aldeia Maria, atual cidade de Mossâmedes. (MARQUES, 1983, p. 58).

Victor de Carvalho Ramos em 1929 publicou o livro *Mãe Chi*, com relatos memorialísticos em relação à Cidade de Goiás. Há nesta obra algumas passagens relacionadas aos beijudos; passagens estas, ao sabor da poesia, descritas com maestria pelo estilo cristalino e ao gosto da época, com termos elegantes, ao destacar a viagem com suas peripécias, os

encontros nas estradas com boiadeiros, carreiros e tropeiros varando no suor de cada dia o sertão dos goiases.

E vieram depois os poisos; as noitadas mal dormidas à beira friorenta dos córregos, ao coaxar das rãs e ao cricrilar das grilarias; a penúria diária das marchas forçadas por multívios estradões poeirentos que pareciam infundáveis, ora varando brenhas, ora vencendo rechãs inóspitas, sobre cujo cascalho os animais da comitiva ferrados de novo, chispavam estrepitosamente, fazendo saltarinho o gorgulho no tique taque embalador do picado. Não raro, ao abandonar de um atalho ou no descer de um espigão, topava com feira de carros de bois, que lá vinham, caminho fora, caranguejando, num remoinho de poeira, monótonos ao chiante realejo do chumaço, quando não atestava com tropas luzidias, arquejantes ao trambolho das récovas, do caixotame de querozene e riçado, a mulada em lotes uma a uma, passos cadenciados ao retinir da cabeça, dos guizos e cinerros da madrinha. (RAMOS, 1929, p. 17).

As mudanças de domicílio também eram feitas com muita dificuldade utilizando os carros de bois. O escritor Antonio Baptista de Oliveira em seu romance *Os predestinados*, destaca sobre essa passagem de utilização dos beicudos em custosas mudanças que, não raro, duravam semanas ou até meses. Nelas eram ajeitados os móveis, utensílios domésticos, a comida para a viagem, as crianças que viajavam dentro do carro.

Naquele dia mesmo, eles começaram as arrumações, embalando os trastes. Na madrugada de quarta feira, ainda com o escuro, os carreiros, ajudados pelos candeeiros, cangavam os bois que puxariam os carros. Os trastes eram muitos. Uma caixa de madeira, própria para guardar mantimentos, ocupava mais da metade da mesa de um dos carros de bois. Para melhor acomodar as crianças, colocaram um colchão sobre a mesa de um dos carros e, ali, eles se ajeitaram em companhia da preta Carolina. A negra preparou um farnel para a viagem. Ela fez muita farofa de lingüiça e de frango; havia também muita rapadura, queijo fresco, biscoito de polvilho, pães de queijo e broas de fubá. Os três carros levando a mudança para a cidade, seguiam numa cantilena que firmava a boiada e alegrava os carreiros. (OLIVEIRA, 1989, p. 58).

O serviço dos mascates também utilizava os beicudos em viagens por fazendas distantes, vendendo produtos variados, numa labuta custosa, debaixo de chuva e de sol. Mariana Augusta Fleury Curado em seu livro *Vida*, destaca a chegada de um mascate numa fazenda na Cidade de Goiás e como os mesmos eram interpretados pelos fazendeiros e pelos peões no alto sertão. Geralmente não eram vistos com bons olhos:

Na lombada que levava à fazenda, apareceu um viajante a pé, puxando um cargueiro. Chegando à porteira, gritou com voz fanhosa: - Cachorra morde? Cachorra morde? - É o gringo - Falou o Zé, negro alto de dentes claros, que estava colocando cabo numa enxada. -Gringo nada, é o francês mascate - resmungou com

maus modos o Zé. – Cachorra morde? Cachorra morde? – continuava a voz fanhosa. – Morde não trem, pode entrar. A mão rugosa do francês procurou a tramela e, depois de muito pelejar, abriu a cancela e penetrou no pátio trazendo pelo cabresto um burro baio carregado com duas canastras velhas, de alças de corda. (CURADO, 1969, p. 141).

Quanto aos boiadeiros que também transitavam pelo sertão na condução dos beijudos para os Estados mais adiantados, havia a questão dos impostos que, em grande maioria, eram sonegados. Bernardo Élis Fleury de Campos Curado narra passagem sobre esta situação em seu romance *O tronco*:

Meu primo, como vai? Quero lhe apresentar meu amigo João Rocha, boiadeiro da Bahia, freguês nosso aqui do Duro desde há muitos anos. – Muito prazer, - respondeu Vicente embelezado. Aquele primo era mau sinal. – Pois é, nosso amigo aí tem umas resinhas para passar a barreira e vem entender-se com o primo... Quem sabe é possível fazer como daquela outra vez, você sabe, já tem o precedente... – Quantas cabeças? – Perguntou Vicente atalhando a poetagem. – Quinhentos boiequinhos magros, Seu coletor. Vicente sabia de fonte segura que a boiada era de mais de mil cabeças; assim, enquanto ajeitava os talões, foi avisando que João Rocha desculpasse, mas tinha informações seguras que a boiada era de mais de mil e duzentos bois. O boiadeiro fechou a cara, cochichando com o Arhur. Vicente prosseguiu: - Por mim, eu cortava o talão para quinhentos bois, mas não posso porque há espíões por aqui. Se eu fizer isso, logo me denunciarão para Goiás que estou recebendo propinas. Aqui tem gente interessada em me tirar do lugar. Novamente os dois homens confabularam e o boiadeiro atolou o chapéu na cabeça; - Pois eu não pago é nada, Seu Coletor. Eu me chamo João Rocha, assisto na fazenda Pedreira, distrito de Santa Rita do Rio Preto. Faça comigo o que entender! – passou a perna na mula ali na porta, tiniu as esporas, deu dois tiros no batente da Coletoria e sumiu no mundo. (CURADO, 1956, p. 19).

Visconde de Taunay em seu romance *Inocência*, traça o perfil do tropeiro, do lidador com os beijudos. Destaca com eloquência o gosto desse profissional por sua lida, por seus feitos, suas aventuras no sertão desconhecido, varando mundos ignotos. Muitos gostavam de contar histórias, fantasiando-as ao sabor das emoções. Na televisão, um personagem que ironizou este costume foi o Pantaleão, interpretado por Chico Anysio, na frase que se tornou chavão: “É mentira Terta?”.

O legítimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem, em geral, família. Enquanto moço, seu fim único é devassar terras, pisar campos onde ninguém antes puser pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras e furar matas, que descobridor algum até então haja varado. Cresce-lhe o orgulho na razão da extensão e importância das viagens empreendidas e seu maior gosto cifra-se em enumerar as correntes caudais que transpôs, os ribeirões que batizou, as serras que transmontou, e os pantanais que afoitamente cortou, quando não levou dias a rodeá-los com rara paciência. Cada ano que finda, traz-lhe mais um valioso conhecimento e acrescenta uma pedra ao monumento de sua inocente vaidade. (TAUNAY, 1988, p.19).

Os beíçudos também serviam de lenitivo aos sofrimentos humanos ou acompanhavam as vicissitudes humanas na miséria de todos os tempos. Assim narra o escritor José Dillermando Meirelles em sua obra *Deste Planalto Central – O histórico e o pitoresco*, sobre um tipo de rua, o Josino Pimenta, alcoólatra em Luziânia.

Montava ele invariavelmente uma pobre égua que, por sua mansidão, tornou-se tão popular como o dono: a égua do Josino. Onde quer que este caísse escornado, aí permanecia a sua inseparável companheira, pastando com indiferença irracional a grama verde da rua deserta a esperar tranqüila e pacientemente que a bebedeira de seu dono passasse. (MEIRELLES, 1987, p. 84).

4.1.1 Beíçudos no lirismo dos versos brotados do próprio chão

Os textos em versos são diversos os que utilizam a temática dos beíçudos em seus versos na literatura feita em Goiás. Poetas no ontem como no hoje enternecem corações no lirismo de descrições belíssimas da saga no chão de Goiás, na faina entre homens e animais na inospidez do chão parado.

Cilenêo de Araújo, nome verdadeiro do imortal Leo Lynce destaca sobre o sertão goiano no verso em que carrega de telurismo a imagem da terra, arraigada à simbologia da natureza, no agreste da região ao longo do tempo:

Goiás é nome – calor tão materno
qual sombra de mangueira
balanço de rede de buriti
no rancho de palha.
brisa nos canaviais
cantiga de roda em noite de lua
aboio de vaqueiro nos gerais
trovão longínquo repercutindo
na minha nostalgia.
(LYNCE, 1997, p. 9).

O poeta é aquele que “enxerga antigamente” na concepção do poeta Manuel de Barros. No ontem do tempo, Geraldo Coelho Vaz exprime a saga do tropeiro em seu diário poético, ao evidenciar uma perfeita simbiose entre o ser humano, o beíçudo e a própria natureza:

O tropeiro não tem pressa.
O animal parando
para na água límpida,
límpida,
de cristal cristalino,
abaixando a cabeça
num ritual calmo
no filosofal campestre
de paz reinante,
entre animal e natureza. (VAZ, 1989, p. 1).

Regina Lacerda em *Papa ceia*, destaca em versos telúricos a beleza do chão na lida com os beçudos, a aridez das estradas infinitas do sertão goiano, com imagens poéticas sublimes como “bois mansos que ruminam distâncias”:

Eu tenho na alma
a aridez das estradas
estradas que cortam
os gerais de minha terra
em agosto
Escuto muito longe
bois mansos
que ruminam distâncias
arrastando nas cangas
a carga de mil anos (LACERDA, 1956, p. 14).

No folclórico cancionero goiano a imagem dos beçudos é recorrente. Antonio Americano do Brasil (1892-1932) em *Cancioneiro e trovas do Brasil Central*, destaca sobre o boi chita e sua captura:

Lá nas bandas do Alemão
deu-se um caso embaraçado
foram pegar o boi chita
que é um velhaco inteirado
foi na primeira carreira
jogaram o boi no cerrado”. (BRASIL, 1974, p. 187).

Em *Primeira chuva*, livro de poemas e Bernardo Élis Fleury de Campos Curado aparece a figura do cavaleiro na sua indagação íntima e instigar o animas a dar golpes e passos fechados, como se o mesmo pudesse também sentir o desvario íntimo da dor humana:

Na calma roxa da tarde
havia o tropel monótono de um burro
no chão batido da estrada.
e aos olhos do cavaleiro
os horizontes pulavam
no vai-vém do trote largo
E o cavaleiro cismava
será que a filha do patrão
se casa com o primo rico?
e essa ingrata se esquece
que amarrou meu coração
à sombra da mangueira
que são os seus olhos verdes?/
E os cascos batiam secos/ no chão batido da estrada. (CURADO, 1955, p. 22).

Outros poetas goianos que destacaram sobre os beicudos foram Cora Coralina, Eduardo Henrique de Souza Filho, Demóstenes Cristino, Luiz do Couto Filho, Emília Perillo Argenta e Benedito Odilon Rocha.

4.1.2 Revista *Informação Goyana*, propagandista dos beicudos do sertão de Goiás

A história da imprensa no Estado de Goiás passa indiscutivelmente pelo crivo dos historiadores Braz Wilson Pompêu de Pina e José Mendonça Teles que demonstraram a origem com o *Matutina Meiapontense* de Pirenópolis em 1830 e logo em seguida o *Correio Oficial* da antiga Capital do Estado, Cidade de Goiás, os jornais foram pouco a pouco se difundindo no Estado, principalmente durante a oligarquia intelectualizada da família Bulhões, no final do século XIX.



FOTO 90 - Henrique Silva (1865 – 1935) pioneiro da “Revista Informação Goyana” a primeira no Estado de Goiás.

Pelo que se tem notícia, porém, a primeira revista a surgir no Estado de Goiás foi a 85 anos atrás, chamava-se *Informação goyana* e iniciou sua circulação em 15 de julho de 1917 pelo empenho do grande goiano e profundo pesquisador de nossas riquezas, Major Henrique Silva⁶³, natural de Bonfim, hoje Silvânia.

Esse militar teve profunda e inusitada atuação cultural na antiga capital do país, Rio de Janeiro, e, foi um dos primeiros a divulgar o então distante e atrasado Estado de Goiás para outros rincões, já que esta revista circulava no Rio e em todo país.

⁶³ Henrique Silva foi essencialmente um idealista. Nasceu em 1865 em Bonfim de Goiás e em 1882 foi para o Rio de Janeiro ingressando na Escola Militar. Participou de guerras de fronteiras com Marechal Deodoro da Fonseca e Comissão Cruls em 1892 que determinou os limites do Distrito Federal. Transferido para a reserva em 1912, dedicou-se ao jornalismo e à literatura, surgindo então sua iniciativa pioneira de fazer uma revista. Seu idealismo persistiu por 18 anos fazendo circular mensalmente para todo Brasil a *Informação Goyana* até 1935 quando veio a falecer, morrendo também, o sonho e a determinação da primeira revista feita no Estado de Goiás. Há diversos artigos na revista que tratam sobre os beicudos do Brasil Central, a saber, neste abaixo, o texto poético de Hugo de Carvalho Ramos, que depois seria publicado no livro *Tropas e boiadas*.

A revista *Informação Goyana* era eclética, possuindo reportagens de todos os assuntos relacionados ao Estado de Goiás e sua relação com o resto do país. Tinha colaborações de Dr. Antonio Americano do Brasil, outro grande goiano que até é também nome de cidade que foi barbaramente assassinado em Luziânia em 1932.



FOTO 91 - Ilustração da *Revista Informação Goyana* em que aparece uma fazenda em Bomfim de Goyaz.

Participaram também da revista o Dr. Hélio Seixo de Brito, Agenor de Castro, Cora Coralina, Breno Guimarães, Marcelo Silva, Colemar Natal, e muitos outros. Seus assuntos iam de geologia, geografia, história, sociologia, folclore, literatura, costumes, fauna e flora, índios, os rios, as lendas, as riquezas de todas as espécies.